



**Ispas**

Instituto Universitário  
de Ciências Psicológicas,  
Sociais e da Vida

A EXPRESSÃO VIRTUAL DOS COMPORTAMENTOS AUTOLESIVOS  
NA ADOLESCÊNCIA: A IDENTIFICAÇÃO, ATIVIDADES ONLINE E AS  
SUAS FUNÇÕES.

ANA MARGARIDA DE BRITO OLIVEIRA GOMES PACHECO

Orientadora da Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA PEREIRA

Professora do Seminário de Dissertação:

PROFESSORA DOUTORA MARIA GOUVEIA PEREIRA

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2022/2023



Dissertação de Mestrado  
realizada sob a orientação da  
Professora Doutora Maria Gouveia  
Pereira, apresentada no Ispa-  
Instituto Universitário para obtenção  
de grau de Mestre na especialidade de  
Psicologia Clínica



## **Agradecimentos:**

À Professora Doutora Maria Gouveia Pereira, por desde logo ter mostrado interesse neste tema e pela aprendizagem que este processo constituiu.

Ao ISPA, pelo conhecimento, pela riqueza das experiências, pela Arte que habita este espaço e pelos colegas e amigos que o preencheram durante estes anos.

Às colegas do seminário, pela disponibilidade e pela partilha de inquietações, mas também de conquistas. Agradeço especialmente à Beatriz e à Petra pela colaboração e troca de informações, bem como lhes agradeço o acesso a uma amostra tão rica.

À Sofia Silveira, à professora Ana Falcão e ao Agrupamento de Escolas D. Carlos I, pela possibilidade de fazer recolha neste local.

À Beatriz Fuschini pelo suporte, trocas de ideias e partilha de informação que enriqueceram esta tese.

Aos meus pais por serem matriz do meu desenvolvimento.

À minha mãe, por tudo, mas sobretudo pela peculiaridade do nosso vínculo.

À avó Guida pelo cuidado.

Aos meus amigos Miguel, Stefanie, Cláudia e Vânia pelo humor, presença e generosidade.

À Filipa por todo o suporte neste percurso.

Aos adolescentes, uma população tão interessante, pela intensidade da sua existência e pela energia contagiante que os cerca.

Por fim, a todos os que deram um contributo para a elaboração deste trabalho.

Obrigada.

## **Resumo**

O estudo teve como objetivo analisar como as variáveis, história, diversidade e severidade de comportamentos autolesivos (CAL), funções dos CAL, identificação à família, aos amigos e ao plano *online* contribuem para o envolvimento da população adolescente Portuguesa em atividades *online* a favor ou contra CAL. Assim, desenvolveu-se uma análise descritiva das plataformas *online* utilizadas para atividades *online* sobre CAL e examinou-se a tipologia dos conteúdos acedidos (a favor e contra). Procedeu-se à análise exploratória de como as variáveis acima descritas explicam a frequência de atividades *online* associadas a CAL. A recolha foi feita por questionário de autorrelato, a 443 estudantes de escolas públicas e profissionais da área metropolitana de Lisboa e do Algarve, com idades entre os 12 e os 21 anos ( $M=15.18$ ,  $DP=1.86$ ). Os resultados mostraram que 67.9% dos participantes realizaram algum tipo de atividade *online* sobre CAL. As plataformas mais usadas foram o Instagram, o TikTok e o WhatsApp e a tipologia dos conteúdos acedidos foi na sua maioria contra CAL. Adolescentes com história de CAL reportaram menores níveis de frequência de atividades *online* tanto a favor como contra CAL, nas diversas plataformas. Maior identificação com quem cria conteúdos *online* gerais sobre CAL aumentou a probabilidade de frequência de atividades *online* a favor de CAL. Já os indivíduos que reportaram maior identificação aos amigos e a pessoas que criam de conteúdos *online* no geral e contra CAL mostraram mais probabilidade de se envolver em atividades *online* contra CAL. A função interpessoal de vingança foi preditora de atividades *online* a favor de CAL. Já a função de influência interpessoal foi a mais identificada por indivíduos que desenvolveram atividades *online* contra CAL. Este estudo salienta as motivações pelas quais os indivíduos são atraídos para as atividades *online* sobre CAL, bem como permitiu verificar que os próprios adolescentes podem constituir uma rede de suporte aos seus pares nas redes sociais, como agentes preventivos destes comportamentos de risco.

**Palavras-chave:** adolescentes, comportamentos autolesivos, *online*, funções, identificação.

## **Abstract**

The aim of this study was to examine how variables such as: history, diversity and severity of deliberate self-harm (DSH), sense of belongingness to family and friends, functions of the DSH and identification with *online* content developers, contribute to the engagement of the Portuguese adolescents in *online* activities for and against DSH. A descriptive analysis of the social networks used for DSH *online* activities was carried out as well as the type of content accessed (in favor and against) were examined. In addition, an exploratory analysis was carried out regarding on how the variables described above, explain the occurrence of *online* activities in favor or against DSH. Data was collected using a self-report questionnaire, with 443 students from public and professional schools in the metropolitan area of Lisbon and in Algarve, aged between 12 and 21 years ( $M=15.18$ ,  $SD=1.86$ ). The results showed that 67.9% of the participants had some type of DSH *online* activity. Most frequently in Instagram, TikTok and WhatsApp, the typology of those contents was mostly against DSH.

Adolescents with DSH history reported lower levels of *online* activities in different platforms both for and against DSH. Greater identification with those who create general DSH *online* content increased the probability of frequency of *online* activities in favor of DSH. Individuals who reported greater identification with friends and people who create *online* content in general and against DSH were more likely to engage in *online* activities against DSH. The interpersonal function of revenge was a predictor of *online* activities in favor of DSH and the interpersonal influence function was mostly identified by individuals who developed *online* activities against DSH. This study highlights the motivations why individuals are attracted to DSH *online* activities, as well as allowed to verify that adolescents themselves can form a support network for their peers on internet, as preventive DSH agents.

**Keywords:** adolescents, deliberate self-harm, *online*, functions, identification.

## Índice

Agradecimentos: .....	V
Resumo .....	VI
Abstract.....	VII
1. Introdução .....	1
1.1. Adolescência.....	1
1.2. Comportamentos Autolesivos .....	1
2. Fatores de Risco.....	2
2.1. Diversidade dos Comportamentos Autolesivos .....	3
2.2. Severidade dos Comportamentos Autolesivos.....	4
2.3. Funções dos Comportamentos Autolesivos .....	5
2.4. Atividades <i>Online</i> Relativas aos CAL .....	7
2.5. Pertença, identificação social .....	11
3. Objetivo do presente estudo .....	13
4. Hipóteses.....	13
5. Método .....	15
5.1. Participantes.....	15
6. Instrumentos.....	16
6.1. Questionário Sociodemográfico.....	16
6.2. Comportamentos Autolesivos .....	16
6.3. Funções dos Comportamentos Autolesivos .....	17
6.4. Atividades <i>Online</i> relativas aos CAL.....	17
6.5. Identificação à família e amigos .....	18
6.6. Identificação a pessoas que criam conteúdos <i>online</i> sobre CAL .....	18
7. Procedimento .....	19
8. Resultados .....	19

8.1.	Descrição das Atividades <i>online</i> relativas aos CAL .....	20
8.2.	Análise das variáveis preditoras de atividades <i>online</i> a favor de CAL.....	25
8.3.	Análise das variáveis preditoras de atividades <i>online</i> contra CAL.....	26
8.4.	Análise das funções preditoras de atividades <i>online</i> a favor de CAL.....	28
8.5.	Análise das funções preditoras de atividades <i>online</i> contra CAL.....	28
9.	Discussão .....	30
9.1.	Descrição das Atividades <i>Online</i> Relativas aos CAL.....	30
9.2.	Variáveis Preditoras de Atividades <i>online</i> a favor de CAL.....	32
9.3.	Variáveis Preditoras de Atividades <i>online</i> contra CAL.....	34
9.4.	Funções preditoras de atividades <i>online</i> contra e a favor de CAL.....	35
10.	Limitações, pontos fortes do estudo e estudos futuros.....	36
11.	Implicações Clínicas .....	37
	Referências.....	39
	Anexos .....	48
	Anexo 1.....	48

## Índice de Tabelas

<b>Tabela 1.</b> Atividades Online Relativas aos CAL e Plataformas Utilizadas .....	21
<b>Tabela 2.</b> Teor das conversas e/ou conteúdos online sobre CAL por atividade .....	22
<b>Tabela 3.</b> Tipologia das conversas e/ou conteúdos online sobre CAL por atividade e Plataformas Utilizadas .....	24
<b>Tabela 4.</b> Regressão Linear: Análise das variáveis preditoras da frequência de atividades online a favor de CAL.....	25
<b>Tabela 5.</b> Regressão Linear: Análise das variáveis preditoras da frequência de atividades online contra de CAL.....	27
<b>Tabela 6.</b> Regressão Linear: Análise das funções interpessoais preditoras da frequência de atividades online a favor de CAL .....	28
<b>Tabela 7.</b> Regressão Linear: Análise das funções interpessoais preditoras da frequência de atividades online contra de CAL.....	29

## **1. Introdução**

### **1.1. Adolescência**

A adolescência é uma etapa do desenvolvimento que decorre antes da puberdade até à fase adulta, desde o início das alterações psicobiológicas até à idade em que o sistema de crenças e valores é enquadrado numa identidade estabelecida (Sampaio, 1998). Se o contexto familiar permite o equilíbrio entre a construção da individualidade e da pertença, este processo de transição pelo qual os adolescentes passam, tem o potencial de se estabelecer positivamente. Contudo, se o meio familiar é orientado para a rigidez e insegurança sobre as necessidades de autonomia do adolescente, este pode constituir um obstáculo à sua individualização e autonomia. Simultaneamente, os grupos de pares formam uma rede de suporte na definição da identidade e do equilíbrio entre a conformidade e a individualidade (Palmonari et al., 1991).

Associado às transformações significativas e aos impulsos que ocorrem na adolescência, um sentimento de pertença fraco tanto ao grupo de amigos quanto à família é tido como fator de risco de problemáticas comportamentais internalizadas e externalizadas (Newman et al., 2007). O que pode explicar a aderência a comportamentos de risco, como os de autoagressividade que ocorrem largamente na população adolescente (Klonsky, 2007b), bem como a fuga para o plano *online* (Nesi et al., 2021).

### **1.2. Comportamentos Autolesivos**

Autolesão não suicida (NSSI) é o termo proposto no DSM-V descrito como, dano deliberado autoinfligido à superfície do corpo, que frequentemente leva a sangramento, hematomas ou dor e tende a ser repetida. A sua motivação encontra-se associada à diminuição de sofrimento psicológico e não tem intencionalidade suicida (American Psychiatric Association, 2013). Na mesma linha de conceptualização Klonsky e Glenn (2009) definem estes comportamentos como a destruição intencional do tecido corporal sem finalidade suicida. As terminologias deste ato são múltiplas (Klonsky, 2007a) pelo que se optou neste estudo, pela que se considerou conceptualmente mais ampla, isto é, são comportamentos intencionais e autoinfligidos, não aceites do ponto de vista social e que se destinam a causar dano ou destruição ao corpo, com ou sem intencionalidade suicida consciente (Duarte et al., 2020b).

Os comportamentos autolesivos (CAL) na adolescência tornaram-se uma questão fundamental de saúde pública (Jacob et al., 2017) com prevalência de 21% dos adolescentes nos

países europeus (Lucena et al., 2022). Em Portugal, os resultados da investigação com população adolescente, demonstraram que 26.7% a 40.8% da população se magoou intencionalmente pelo menos uma vez (Duarte et al., 2020a; Duarte et al., 2020b). Atualmente, o comportamento autolesivo na adolescência é tido como o resultado de uma complexa interação entre os fatores genéticos, biológicos, sociais, psicológicos, psiquiátricos e culturais (Hawton et al., 2012). Muitas vezes associado a quadros psiquiátricos, tais como a perturbação de personalidade *borderline*, impulsividade, défice de atenção, abuso de substâncias, ansiedade, depressão, perturbação de stress pós-traumático e suicídio (Klonsky & Glenn, 2009; Mendez et al., 2022; Nock, 2009).

Na intervenção prévia do suicídio os comportamentos autolesivos são uma variável fundamental (Duarte et al., 2020b). A evidência empírica tem demonstrado que adolescentes com pensamentos e comportamentos autolesivos são mais propensos a reportar ideação suicida ao longo da vida e a relatar histórico de planos e tentativas de suicídio (Duarte et al., 2020b; Robinson et al., 2021). Num estudo com uma amostra portuguesa de adolescentes (clínica e escolar) a ideação suicida e a diversidade de métodos autolesivos tidos por um adolescente foram, entre outros, os preditores mais significativos de tentativas de suicídio (Duarte et al., 2020b). Importa, assim, na prática clínica, incluir avaliações aos CAL na população adolescente como forma de identificar indivíduos em risco, especialmente tendo em conta a crescente prevalência destas condutas (Klonsky, 2007b).

A intenção de suicídio subjacente ao comportamento autolesivo tem sido frequentemente discutida. São comuns as abordagens que distinguem entre autolesão não suicida (NSSI) e aquelas que podem ou não apresentar essa intencionalidade, designadas por deliberate self-harm (DSH) (Ougrin et al., 2012). A *Gateway Theory* propõe que as condutas autolesivas são um continuum e podem ser categorizadas consoante a sua severidade (i.e., a intensidade dos danos causados por cada método autolesivo). Segundo esta teoria, os CAL precedem os pensamentos e comportamentos suicidários e constituem uma “porta de entrada” para o suicídio (Brausch & Gutierrez, 2010; Chu et al., 2016; Hamza et al., 2012).

## **2. Fatores de Risco**

A investigação tem evidenciado diversos fatores de risco associados aos CAL e que são descritos seguidamente.

## **2.1. Diversidade dos Comportamentos Autolesivos**

A investigação tem demonstrado que o número de métodos usados por quem se autolesiona são aspetos relevantes na avaliação deste fenómeno (Andrewes et al., 2017; Duarte et al., 2019; Duarte et al. 2020b). Este pode incluir uma diversidade de métodos autoagressivos, tais como cortes, bater/ bater em si mesmo, morder, queimar, impedir que as feridas saem, espetar agulhas, beliscar, puxar/arrancar cabelo, esfregar a pele contra superfícies ásperas, arranhões severos e ingestão de produtos químicos com intenção de se magoar (Klonsky & Glenn, 2009). Outros autores, resultante das suas investigações e adaptações de instrumentos de avaliação a determinadas populações e do próprio posicionamento conceptual, incluem também comportamentos como consumo de substâncias (álcool, substâncias ilícitas, medicação, etc...) com a intenção de se magoar, ingestão de medicação com o intuito de morrer, sendo o próprio ato de suicídio o comportamento autolesivo mais severo (Duarte et al., 2019a).

A evidência tem demonstrado que a agressividade autodirigida encerra vários métodos, e que a sua prevalência varia consoante a população clínica ou a comunidade em geral (Duarte et al., 2019a). Assim, verificou-se através de estudos empíricos que na população clínica os métodos adotados incluem (por ordem de prevalência) cortes, bater em si próprio e coçar/arranhar até fazer uma ferida (Mendez et al., 2022); cortes, coçar/arranhar, beliscar e bater em si próprio (Victor et al., 2018); cortes, arranhar e asfixia (Zhand et al., 2016); cortes, overdose, queimaduras e asfixia (Jacobson et al., 2008).

Na população não clínica (i.e., comunitária, estudantil) de acordo com estudos empíricos os métodos usados com mais frequência foram respetivamente; bater com o corpo ou bater em si próprio, interferir na cicatrização de feridas, cortar, morder, beliscar e coçar/arranhar (Reinhardt et al., 2021); cortes, impedir que as feridas saem, queimaduras e beliscar (Vigfusdottir et al., 2020); cortar, morder e bater com o corpo/ bater em si próprio (Duarte et al., 2019a) e impedir que as feridas saem, seguido dos cortes, bater com o corpo ou bater em si próprio, beliscar, arrancar cabelos, coçar/arranhar até fazer uma ferida (Batejan et al., 2015). Assim, a diversidade de métodos autolesivos constitui um fator de risco, sendo um preditor significativo da ideação suicida e das tentativas de suicídio (Duarte et al., 2020b; Gouveia-Pereira et al., 2022).

## 2.2. Severidade dos Comportamentos Autolesivos

A categorização dos métodos Autolesivos pode ser feita pela severidade deste comportamento (Duarte et al., 2019a). Esta categorização não é consensual na literatura, no entanto a severidade tende a ser descrita como a extensão do dano infligido ao tecido corporal (Croyle & Waltz, 2007). Andrewes e colaboradores (2017) argumentam que embora haja métodos tidos como menos graves (e.g., bater em si próprio, enfiar objetos debaixo da pele/unhas, etc...) estes podem gerar mais tarde consequências mais severas (e.g., infecções). Para eliminar esta subjetividade definiram a severidade destes comportamentos, tendo em conta o nível de intervenção médica após os CAL. No entanto, esta categorização pode trazer lacunas quando não há intervenção médica.

Croyle e Waltz (2007) organizam a severidade em dois níveis; severidade ligeira (e.g., arranhar/esgravatar a pele, morder as unhas e interferir com a cicatrização de feridas) e a severidade moderada (e.g., bater em si mesmo, cortar, queimar até asfixia). Lloyd-Richardson e colaboradores (2007) consideram os métodos autolesivos como "menores" (e.g., bater em si próprio, arrancar cabelo, inserir objetos debaixo das unhas ou pele; arranhar/esgravatar a pele até fazer sangue) a "moderados/graves" (e.g., cortes, queimaduras) em termos de danos no tecido corporal.

Whitlock e colaboradores (2008) identificam três categorias de severidade; o dano superficial do tecido corporal (e.g., coçar/arranhar até fazer marca ou sangrar; interferir com a cicatrização de feridas); comportamentos passíveis de causar hematomas ou danos ligeiros nos tecidos (e.g., bater com o corpo/ bater em mim próprio com intenção de se magoar, perfurar a pele com objetos afiados, infligir hematomas a si próprio) e, por último, comportamentos com potencial de danos graves nos tecidos (e.g., cortes, queimaduras, fraturar ossos, verter ácido sobre a pele, ingestão de substâncias cáusticas ou objetos afiados).

Duarte e colaboradores (2019a) consideraram três dimensões de severidade em consonância com a gravidade destes comportamentos, ou seja, CAL de elevada severidade (e.g., cortar, queimar, ingestão de substâncias/ medicação para autolesão ou morte, tentativa de suicídio); CAL de gravidade ligeira (e.g., morder, arrancar/puxar cabelo, coçar/arranhar pele, enfiar agulhas, bater-se) e CAL associado ao consumo de substâncias com intenção de autolesão. Neste estudo, os comportamentos autolesivos mais ligeiros situam-se num extremo de menor gravidade e o suicídio no limite máximo da severidade, o que expressa uma ideia de continuidade crescente (Kapur et al., 2013; Seong et al., 2021).

A diversidade de métodos utilizados por um indivíduo pode constituir um indicador viável de severidade (Andrewes et al., 2017; Gouveia-Pereira et al., 2022). Uma vez que estão significativamente associados à continuidade e frequência ao longo da vida (Andrews et al., 2013; Glenn & Klonsky, 2011), à psicopatologia (Victor et al., 2018; Whitlock et al., 2008) e ao histórico de tentativa de suicídio (Andrews et al., 2013; Duarte et al., 2020b). Andrews e colaboradores (2017) verificaram um aumento da frequência e severidade de CAL uns meses antes das tentativas de suicídio em pacientes com perturbação da personalidade *borderline*. Assim, do ponto de vista clínico, importa analisar estas variáveis uma vez que constituem um importante contributo à intervenção psicoterapêutica (Whitlock et al., 2008). Identificar as motivações por detrás destes comportamentos pode ser fundamental para que a abordagem possa ser adequada a cada perfil de CAL (Klonsky, 2007b).

### **2.3. Funções dos Comportamentos Autolesivos**

As pessoas desenvolvem e mantêm CAL porque este método é eficaz para regular os estados emocionais (i.e., dimensões intrapessoais) ou porque estas condutas exercem uma certa influência na esfera social (i.e., dimensões interpessoais) (Klonsky, 2007a; Nock, 2010). Tornou-se evidente que para além da população clínica, os CAL ocorrem também na população não clínica e são particularmente frequentes em populações de adolescentes (Klonsky & Muehlenkamp, 2007). Importa assim, compreender as funções dos CAL, ou seja, as variáveis que reforçam e motivam estas condutas, que podem contribuir para a prevenção e tratamento (Klonsky, 2007b).

Na tentativa de descrever diferentes subgrupos de pessoas que se autolesionam, Klonsky e Olini (2008) identificaram dois grupos de funções de CAL sem intenção suicida. Um grupo referente às funções interpessoais onde a conduta autolesiva é socialmente reforçada (e.g., influência interpessoal, ligação entre pares, procura de sensações e limites interpessoais) e o grupo relativo a funções intrapessoais associado ao reforço automático centrado no próprio (e.g., autorregulação, autopunição, anti suicídio e anti dissociação) (Klonsky & Glenn, 2009).

Ao nível intrapessoal encontram-se funções como regulação emocional (i.e., atenuar afetos negativos), anti dissociação (i.e., acabar com experiência de dissociação/despersonalização), substituição do sofrimento (i.e., transpor fisicamente a dor emocional), anti suicídio (i.e., evitar o impulso suicida) e autopunição (i.e., castigar-se). Já ao nível interpessoal incluem-se funções como autonomia (i.e., mostrar autossuficiência), influência interpessoal (i.e., pedido de ajuda,

manipulação), limites interpessoais (i.e., distinção entre si e o outro, diferenciação), autocuidado (i.e., tratar dos seus ferimentos), vínculo a pares (i.e., criar laços, pertencer a grupo), vingança (i.e., retaliação), procura de experiências/sensações (i.e., estimulação, euforia) e resistência (i.e., mostrar tolerância à dor, ir mais longe com o comportamento) (Klonsky & Glenn, 2009).

No estudo de Duarte e colaboradores (2020a) sobre as representações sociais das funções dos CAL na população adolescente portuguesa, resultaram alterações ao instrumento original (Inventory of Statements About Self-Injury de Klonsky e Glenn, 2009) sobre as funções dos CAL. Três novas funções intrapessoais foram adicionadas decorrente de questionários a esta população (e.g., mecanismo de fuga, de introspeção e substituição do sofrimento) e cinco removidas (e.g., intrapessoais: tentativa de comunicação, autocuidado e procura de sensações; interpessoais: anti suicídio e angústia marcada). Assim, foram aferidas onze funções divididas em duas dimensões. A dimensão interpessoal que compreende o vínculo a pares, a influência interpessoal, os limites interpessoais, a vingança e a autonomia/resistência. A dimensão intrapessoal que inclui a regulação emocional, a autopunição, a anti dissociação, a forma de introspeção, a substituição do sofrimento e o mecanismo de fuga.

A evidência empírica tem demonstrado que as funções intrapessoais têm maior prevalência; especialmente a autorregulação emocional (Duarte et al., 2019b; Swannell et al., 2008; Taylor et al., 2018; Vigfusdottir et al., 2020), autopunição (Andrewes et al., 2017; Taylor et al., 2018) e a função de mecanismo de fuga (Duarte et al., 2019b). São preditoras do uso de multi-método nesta conduta (Saraff & Pepper, 2014) e de severidade (Reinhardt et al., 2021; Robinson et al., 2021), bem como associadas a quadros depressivos, ideação suicida (Klonsky & Glenn, 2009; Swannell et al., 2008) e histórico de tentativa de suicídio (Gouveia-Pereira, 2022; Nock & Prinstein, 2005). Taylor e colaboradores (2018) na sua meta-análise verificaram que as funções interpessoais estavam presentes entre um terço a metade dos CAL. De acordo com os estudos analisados, o principal objetivo das funções interpessoais era a expressão do próprio sofrimento aos outros com o fim de obter ajuda, compaixão, influenciar ou punir os outros.

Batejan e colaboradores (2015) analisaram as representações das funções em adolescentes com e sem histórico de CAL e verificaram que em ambos os grupos a dimensão intrapessoal era identificada, no entanto adolescentes sem CAL evidenciaram ligeiramente mais as funções interpessoais que os adolescentes com estas condutas. Também no estudo de Duarte e

colaboradores (2019b) foram analisadas as representações sociais destas funções entre adolescentes com e sem história de CAL, os adolescentes que se envolveram em CAL identificaram mais frequentemente funções de ordem intrapessoal que adolescentes que não apresentavam esta conduta, inserindo-a em dimensões de ordem interpessoal. Ora estes dados permitem depreender as crenças da população que não se autolesiona face às motivações e circunstâncias destes comportamentos, o que pode ter um efeito estigmatizante e mesmo negativo no que concerne ao suporte social e parental a estes jovens, para além de efeitos negativos na intervenção terapêutica (Muehlenkamp, et al., 2013).

#### **2.4. Atividades *Online* Relativas aos CAL**

O comportamento autolesivo é muitas vezes desenvolvido em segredo e associado a indivíduos com sentimentos de solidão (Klonsky & Muehlenkamp, 2007). É sabido que as interações *online* dão suporte social essencial a adolescentes isolados e permitem a identificação a outros com experiências e práticas semelhantes (Marchant et al., 2017; Nesi et al., 2021; Sternudd, 2012; Whitlock et al., 2006). Especialmente entre adolescentes, a internet é amplamente usada para fins de socialização uma vez que os jovens parecem recorrer cada vez mais às redes sociais para comunicar o seu sofrimento, especialmente aos seus pares (Marchant et al., 2017). Anteriormente, a autolesão era um comportamento desconhecido do público e comumente praticada em privado (Whitlock et al., 2007). Hoje, esta realidade alterou-se e este comportamento tem sido largamente difundido nas redes sociais (Gámez-Guadix et al., 2022). As comunidades virtuais de autolesão podem constituir para muitos uma oportunidade para sair da solidão e isolamento que caracterizam a prática, mas para outros pode representar um risco de recuperação e até de agravamento destas condutas (Nesi, et al., 2021; Whitlock, et al., 2007) uma vez que estas comunidades *online* de atividades sobre CAL proporcionam a exposição das lesões a outros com experiência semelhante e, ainda, a manutenção desta prática em segredo (Sternudd, 2012).

Com a difusão das redes sociais e do uso da internet é expectável que adolescentes que se autolesionam, quando iniciam psicoterapia, já tenham usado recursos *online* para ver e partilhar conteúdos sobre autolesão, especialmente se forem adolescentes ou jovens adultos (Whitlock, et al., 2007). Atualmente, a publicação destes conteúdos tem sido alvo de maior escrutínio por parte dos gestores das redes sociais e das plataformas *online*, devido aos efeitos de contágio que estas publicações podem motivar (Arendt et al., 2019; Marchant et al., 2017). Assim, assistiu-se à

aplicação de revisores de conteúdos, que analisam a adequação das publicações e do seu potencial nocivo (i.e., partilha de técnicas de autolesão, efeitos de contágio, etc.). Existem *sites* e fóruns próprios para CAL que são mediados por moderadores, onde é vedada a publicação de linguagem ou imagens que se acreditam desencadeantes destes comportamentos, podendo servir como rede de suporte à prevenção dos CAL. Existem também plataformas menos controladas que notificam o usuário de que o conteúdo poderá desencadear CAL, para que os participantes possam decidir se tencionam ainda assim aceder ao tópico. Porém, os sites de baixo controlo ou sem revisores de conteúdo representam maiores riscos, na medida em que aceitam um conjunto de narrativas e publicações bastante gráficas destes comportamentos (Whitlock et al., 2007).

As competências dos revisores e moderadores também variam. Nalguns fóruns de CAL, os moderadores são profissionais de saúde mental treinados e preparados para transmitir conhecimento. Estes fóruns são criados por pessoas com experiência nestes comportamentos e, portanto, capazes de reconhecer publicações como um potencial gatilho. Contudo, não raras vezes há moderadores sem preparação na área da saúde mental, tendo uma capacidade de suporte menos desenvolvida (Norris et al., 2006; Whitlock et al., 2007). Neste sentido Lewis e Michal (2016) sugerem uma lacuna na investigação que se posiciona na distinção de espaços *offline* e *online*, ao invés de analisar os conteúdos e o tipo de interações que aí se estabelecem (e.g., a favor de CAL; informativos; de suporte e empatia; etc...).

A internet é um recurso poderoso e incontornável nos dias de hoje. Para quem se autolesiona, a internet pode constituir um meio de comunicação e de ligação com os outros, sendo estes elementos críticos e eficazes na recuperação (Lewis & Michal, 2016; Whitlock, et al., 2007) sobretudo para quem tem poucos recursos ou pouca crítica face à sua condição. Porém, estas qualidades tornam-na um lugar potencialmente arriscado para indivíduos com comportamentos mal adaptativos que usam a experiência *online* para o desenvolvimento e propagação de técnicas autolesivas e como um substituto de relações *offline*. Tornando-os menos isolados, mas em contacto com pares que podem potenciar os seus comportamentos de risco. Os estudos têm sugerido que conversar *online* sobre CAL com conhecidos apenas na internet estava associado a maior severidade de CAL (Nesi et al., 2021), bem como foram encontradas relações entre diversidade de CAL, ideação suicida e a comunicação e partilha *online* sobre CAL (Fuschini et al., 2022). Assim, importa que os psicoterapeutas contemporâneos consigam integrar ambas as

realidades, *online* e *offline*, na sua prática clínica. Especialmente quando se trabalha com pessoas que nasceram ou atingem a maioria na era digital (Whitlock et al., 2007).

O envolvimento em CAL pode ser influenciado pela aprendizagem social. Alguma investigação empírica tem mostrado que o envolvimento nas comunidades *online* leva, frequentemente, à intensificação dos CAL devido ao acesso a novas técnicas, o que pode adicionar comportamentos potencialmente letais ao repertório de autolesões (Jacob et al., 2017; Whitlock et al., 2006), ao aumento da exposição e à normalização destes comportamentos (Lewis & Michal, 2016; Marchant et al., 2017). No entanto, alguns estudos têm encontrado um efeito oposto em resposta ao consumo destes conteúdos, isto é, a diminuição da frequência dos CAL, aumento da percepção de sentimentos de suporte. Como se o contacto com estes conteúdos servisse de ferramenta de autorregulação inibindo o desejo de se magoar (Corcoran & Andover, 2020; Lewis & Michal, 2016). Marchant e colaboradores (2017) na sua revisão sistemática identificaram benefícios como o apoio em momentos de crise, redução do isolamento social, terapia e divulgação de recursos.

Na sua maioria os jovens ingressam em atividades *online* sobre CAL para o desenvolvimento de práticas autolesivas pré-existentes. Contudo, alguns referem a descoberta da autolesão durante pesquisas *online* de tópicos tangenciais, o que despoletou o seu envolvimento nestes comportamentos (Jacob et al., 2017). O termo atividades *online* sobre CAL é usado para descrever utilização de tecnologia de informação e comunicação para criar, enviar ou procurar informações ou imagens sobre condutas de autoagressividade, que pode incluir autolesão física, causar dor a si próprio ou colocar-se em situações de risco (Jacob et al., 2017; Seko et al., 2015). Mais concretamente, as atividades *online* sobre CAL incluem causar ferimentos para partilhar imagens *online* destas condutas; produzir imagens ou vídeos de si próprio em situações dolorosas e/ ou perigosas e publicar *online*, bem como procurar ou partilhar conteúdos sobre como causar autolesão (Gámez-Guadix et al., 2022).

Conteúdos visuais fortes e severos são eficazes na indução de reações físicas que apelam a um forte desejo de se envolver em CAL (Jacob et al., 2017). Sternudd (2014) realça que o aspeto visual da autolesão, faz parte do ato tanto quanto a dor que este causa. Desta forma, as imagens podem satisfazer parte desta finalidade pela disponibilização de estímulos visuais marcantes. Estas imagens expressam igualmente dimensões relacionais da autolesão, bem como as interações da

comunidade com atividades *online* sobre CAL. Nomeadamente, inspirarem-se na prática autolesiva de outros, ao mesmo tempo que se punem se não se envolverem com a mesma intensidade comportamental. A exposição a outros métodos pode desencadear a noção de “não ser bom o suficiente” e querer ir mais longe para se tornar melhor autoagressor (Jacob et al., 2017) o que sugere a presença de efeitos de competição (Marchant et al., 2017). O plano *online* permite ainda aos jovens, o acesso a recursos autolesivos que lhes estão vedados no mundo *offline* devido à sua idade, tais como compra *online* de substâncias, ferramentas e medicação (Jacob et al., 2017).

A presença de conteúdos acerca de CAL na internet tem aumentado exponencialmente (Seko et al., 2015). Cerca de 51% dos jovens com CAL desenvolveram pesquisas acerca desta conduta ou de informação sobre suicídio (Mars et al., 2015). Gámez-Guadix e colaboradores (2022) aferiram que 7.9% dos adolescentes se envolveram em CAL e seguidamente publicaram *online*. Posteriormente, Gámez-Guadix e colaboradores (2022) identificaram que aproximadamente 11% dos adolescentes espanhóis reportaram atividade *online* sobre CAL. Fuschini e colaboradores (2022) verificaram que 84.6% adolescentes portugueses já tinham experienciado algum tipo de atividade *online* sobre CAL. Numa amostra alemã, Brown e colaboradores (2018) identificaram 32.182 imagens de CAL publicadas por 6.721 contas no *instagram* em quatro semanas. As imagens mais comuns retratavam ferimentos causados por cortes nos braços e pernas, que foram consideradas como lesões leves a moderadas. Os conteúdos com graus mais elevados de gravidade e que envolviam vários métodos geraram maior quantidade de comentários, dos quais a maioria foi empática ou neutra, alguns ofereciam ajuda e poucos comentários foram hostis.

Ver estas imagens faz parte de uma estratégia para provocar o humor certo para se autolesionar (Sternudd, 2012). No estudo qualitativo com jovens entre os 16 e 24 anos sobre imagens de CAL partilhadas *online*, Jacob e colaboradores (2017) observaram que visualizar estes conteúdos servia como prática ritualística, de forma de criar a disposição certa para iniciar a autolesão. Outros, na sua procura de aconselhamento e suporte para o sofrimento emocional, depararam-se com informações de CAL e instruções de como o fazer (Sternudd, 2012). No entanto, para a maior parte da amostra a autolesão já fazia parte das suas vivências, não tendo sido inadvertidamente descoberta. Muitos primeiramente fizeram uma busca genérica por autolesão na tentativa de compreender os seus comportamentos, antes de descobrirem e serem cativados para as comunidades *online*. Identificaram-se também alguns jovens com CAL, que acreditam que esta

prática é privada e que não deve ser publicada *online*, estes consideram que jovens que publicam, procuram atenção, o que pode minar a credibilidade do ato, e como tal a exposição desta conduta é vista como menos autêntica do que a tida em privado (Jacob et al., 2017).

O resultado da exposição a imagens de CAL pode atenuar ou exacerbar esta prática, dependendo da pessoa que as vê e do contexto. A grande quantidade de imagens de CAL na internet constitui um arquivo para validação e avaliação da gravidade desta prática, assim como documentar o seu próprio CAL pode ser uma forma de avaliar os prós e contras do ato e também de controlar a vontade de autolesão. Estas imagens podem ser usadas como um dispositivo de medição na procura de se afirmar como alguém que se autolesiona. As comunidades de CAL tornam ainda possível mostrar as feridas a outros com experiência semelhante e ainda manter esta prática em segredo, ativando assim recursos de compaixão, empatia, apoio e pertença (Jacob et al., 2017; Lewis & Michal, 2016; Sternudd, 2012).

## **2.5. Pertença, identificação social**

A internet tornou-se especialmente importante para adolescentes e jovens (Whitlock, et al., 2007). Esta constitui, para muitos, um substituto de redes de amizade e/ou familiares, onde podem encontrar suporte (Lewis & Michal, 2016; Whitlock, et al., 2007). A convivência virtual pode gerar uma sensação de que as necessidades fundamentais de sentido de pertença e intimidade são atendidas, mesmo que momentaneamente (Whitlock, et al., 2007). A pertença influencia a forma como vemos o outro e nós próprios, ajuda-nos a definir quem somos, mas também nos liga a outros sujeitos dentro do grupo, ao mesmo tempo que nos diferencia dos que não lhe pertencem. Paralelamente à motivação intrínseca de pertença ao grupo, há também a motivação para a distinção e autenticidade (Smith et al., 2015; Smith & Mackie, 2000). Este fenómeno pode ser visto nos jovens que desenvolvem CAL com a função de estabelecer limites interpessoais (Klonsky & Glenn, 2009) e que se identificam como membros de grupos que se autolesionam, mas que têm uma motivação para ir mais longe na autoagressão (Jacob et al., 2017; Sternudd, 2012).

A necessidade de pertença pode ser considerada uma motivação fundamental do ser humano (Baumeister & Leary, 1995). Os estudos têm demonstrado que quando esta necessidade é frustrada, produz efeitos devastadores nas pessoas, nomeadamente o aumento de agressividade, de comportamentos autodestrutivos e entorpecimento emocional, assim como diminui atitudes de cooperação e autocontrolo (Baumeister, 2012; Newman, et al., 2007).

O risco de não satisfazer a necessidade de pertença é uma questão essencial para os adolescentes (Leary et al., 1995). A investigação acerca da rejeição demonstrou que esta produz um estado de dormência emocional, como se a mente usasse um mecanismo que cria neutralidade, de forma a amortecer os efeitos da rejeição (Baumeister, 2012). Nock (2009) coloca a hipótese de sinalização social para explicar o CAL, na medida em que os adolescentes podem ingressar nestas práticas como forma de comunicar quando outras estratégias (e.g., comunicar, discutir) se revelaram ineficazes por não produzirem o efeito desejado devido a um ambiente pouco responsivo. Gestos de maior intensidade e custo mais elevado (e.g., autoagressividade) tendem a obter maior atenção e respostas desejadas. Assim, são comuns as condutas de risco não só para aumentar a probabilidade de serem incluídos, mas também, para atenuar a rejeição sentida (Leary et al., 1995).

Na adolescência as relações familiares e de pares mudam qualitativamente e quantitativamente. É expectável que o adolescente possa ampliar a sua necessidade de pertencer à família e ao grupo de pares (Newman et al., 2007). Embora os pares se tornem relativamente mais relevantes na adolescência, como matriz de apoio emocional, o âmbito familiar não resulta menos importante (Chen, 2003). No seu estudo, Palmonari e colaboradores (1991) verificaram que a superação eficaz das tarefas do desenvolvimento na adolescência, depende em grande medida do grau de identificação com a família e grupo de pares. Em situações críticas, adolescentes com um nível de identificação maior a ambos os grupos mostraram vantagens na superação das tarefas do desenvolvimento durante a adolescência. Já os que são incapazes de se identificar com ambos os grupos demonstraram menos sucesso na gestão das tarefas de transição para a vida adulta.

A identificação quer à família quer aos pares está negativamente associada à internalização e externalização de problemas comportamentais (Fisher et al., 2015; Newman, et al., 2007). A evidência mostrou ainda efeitos diretos significativos entre sentimento frustrado de pertença à família e eventos negativos na vida dos adolescentes (e.g., perdas, conflitos e dificuldades com família, amigos ou pares românticos); bem como associações entre ideação suicida e fraca identificação à família e amigos (Glenn et al., 2022). No estudo de Chu e colaboradores (2016) a relação entre história de CAL e ideação suicida em jovens foi explicada pela frustração ao nível da pertença e sentimentos de angústia. Condicente com estudos que mostram que a afiliação de adolescentes a grupos de pares reduz a tendência para desenvolver a internalização de sentimentos de desesperança e perturbações como depressão (Fisher et al., 2015)

e ansiedade, uma vez que confere aos seus membros o sentimento de segurança. Isto deve-se ao papel central da pertença na sustentação do bem-estar no plano social que se encontra em expansão na adolescência, assim como se deve à acentuada sensibilidade à exclusão social que caracteriza este período da vida (Newman et al., 2007).

### 3. Objetivo do presente estudo

Não se encontrou nenhuma investigação ao nível nacional que tenha explorado a relação entre as funções, o sentimento de identificação e as atividades *online* sobre os CAL na população adolescente portuguesa. Assim, este estudo tem como objetivo analisar como variáveis identificadas na literatura, isto é; as funções (intrapessoais e interpessoais) dos CAL; a história, diversidade e severidade de CAL, a identificação à família, aos amigos e às pessoas que criam conteúdos *online* sobre CAL contribuem positiva ou negativamente para a adesão a atividades *online* contra ou a favor dos CAL.

### 4. Hipóteses

Na sua maioria, os adolescentes aderem a atividades *online* sobre CAL para o desenvolvimento de práticas autolesivas pré-existentes (Jacob et al., 2017). De acordo com Sternudd (2012) visualizar imagens sobre CAL, constitui uma forma de se preparar para estas práticas. Assim, espera-se uma associação entre a história e diversidade de CAL e as atividades *online* (Whitlock et al., 2006). Nesi e colaboradores (2021) identificaram que a comunicação *online* sobre CAL com conhecidos apenas *online* estava associada a maior severidade de CAL. Tal como a disseminação destes comportamentos *online* podem agravar e contribuir para a normalização e contágio destas condutas (Lewis & Michal, 2016; Marchant et al., 2017). Sabe-se que a estes comportamentos está, geralmente, associado um fraco sentimento de pertença (Baumeister et al., 2005; Chu et al., 2016; Glenn et al., 2022). Assim, estes adolescentes podem-se identificar mais a quem desenvolve conteúdos sobre CAL e mobilizarem-se para o plano *online* em busca de uma rede de suporte, pertença e de identificação (Marchant et al., 2017; Sternudd, 2012; Nesi et al., 2021; Whitlock et al., 2006).

É neste sentido que se constrói a **hipótese 1**: a história, diversidade e severidade de CAL; a identificação à família, aos amigos e a identificação a pessoas que desenvolvem conteúdos *online* (a favor, no geral e contra) sobre CAL predizem a frequência de atividades *online* a favor de CAL. Espera-se que adolescentes com história, diversidade e severidade de CAL, com menores níveis

de identificação à família e aos amigos, menores níveis de identificação a pessoas que desenvolvem conteúdos *online* contra CAL e maiores níveis de identificação a pessoas que desenvolvem conteúdos *online* a favor e no geral sobre CAL, apresentem maior frequência **de atividades online a favor de CAL nas diversas plataformas.**

A literatura sobre a identificação aos amigos e à família informa que estes constituem um fator protetor às problemáticas comportamentais, nomeadamente às condutas autolesivas (história, diversidade, severidade) quer estas se desenvolvam dentro e /ou fora da internet (Baumeister et al., 2005; Gámez - Guadix et al., 2022). Assim como, o sentimento de pertença à família e amigos está associado a atividades *online* que contribuem para a prevenção de CAL (Newman, et al., 2007; Fisher et al., 2015) como visualizar, conversar, gerar e partilhar conteúdos contra estes comportamentos de risco. Para além dos efeitos nocivos, os estudos têm mostrado que a internet tem o potencial de ser um meio de suporte e eficácia para o tratamento (e.g., Lewis & Michal, 2016; Whitlock, et al., 2007). É neste sentido que se constrói a **hipótese 2:** a história, diversidade e severidade de CAL; a identificação à família, aos amigos e a identificação a pessoas que desenvolvem conteúdos *online* (a favor, no geral e contra) sobre CAL predizem a frequência de atividades *online* contra CAL. É esperado que adolescentes sem história, diversidade e severidade de CAL, com maiores níveis de identificação à família e aos amigos, maiores níveis de identificação a pessoas que desenvolvem conteúdos *online* gerais e contra CAL e menores níveis de identificação a pessoas que desenvolvem conteúdos *online* a favor sobre CAL, apresentem maior frequência de **atividades online contra CAL nas várias plataformas.**

As condutas autolesivas, frequentes na população adolescente (Klonsky & Muehlenkamp, 2007) estão associadas a funções quer estas sejam de índole intrapessoal e/ou índole interpessoal (Andrewes et al., 2017; Duarte et al., 2019b, Glenn & Klonsky, 2011; Saraff & Pepper, 2014). Assim, importa analisar quais funções do CAL estão associadas às atividades *online* sobre CAL. As funções intrapessoais são as mais frequentes, nomeadamente a de autorregulação emocional (Duarte et al., 2019b; Swannell et al., 2008; Taylor et al., 2018; Vigfusdottir et al., 2020), a de mecanismo de fuga (Duarte et al., 2019b) e de autopunição (Andrewes et al., 2017; Taylor et al., 2018). No estudo de Duarte e colaboradores (2019b), bem como no de Batejan e colaboradores (2015) sobre as representações das funções em adolescentes com e sem história de CAL, observou-se que os adolescentes com história de CAL identificaram mais frequentemente funções intrapessoais, já os sem história de CAL identificavam mais funções interpessoais. Assim, coloca-

se a **hipótese 3**: A identificação de funções intrapessoais e interpessoais associadas a CAL prediz as atividades *online* a favor de CAL. Espera-se que adolescentes que identifiquem funções intrapessoais (tais como; regulação emocional, autopunição, anti dissociação, forma de introspeção, substituição do sofrimento e mecanismo de fuga) apresentem maior frequência de atividades *online* a favor de CAL nas diversas plataformas. Também se espera que adolescentes que identifiquem funções interpessoais (tais como; vínculo a pares, influência interpessoal, limites interpessoais, vingança e autonomia/resistência) apresentem menor frequência de atividades *online* a favor de CAL nas diversas plataformas.

De acordo com o acima descrito, também é possível colocar a **hipótese 4**: A identificação de funções interpessoais e intrapessoais associadas a CAL prediz as atividades *online* contra CAL. Espera-se que adolescentes que identifiquem funções interpessoais (isto é; limites interpessoais, vínculo a pares, vingança, influência interpessoal e autonomia/resistência) apresentem maior frequência de atividades *online* contra CAL nas diversas plataformas. Bem como, se espera que adolescentes que identifiquem funções intrapessoais (isto é; regulação emocional, autopunição, forma de introspeção, anti dissociação, mecanismo de fuga e substituição do sofrimento) apresentem menor frequência de atividades *online* contra CAL nas várias plataformas.

## 5. Método

### 5.1. Participantes

A totalidade da amostra incluiu 443 estudantes de escolas públicas e profissionais do Algarve e da área metropolitana de Lisboa. A seleção da amostra foi feita através do método de amostragem não-probabilístico, por conveniência, tendo como critério de inserção a faixa etária dos 12 aos 21 anos de idade. Três participantes foram excluídos da análise uma vez que os questionários estavam incompletos e, portanto, suscitavam dúvidas quanto à sua validade. Assim, consideraram-se neste estudo 443 participantes (42.7%, n = 189 do sexo feminino, 54 %, n = 239 do sexo masculino e 3.4%, n = 15 outra categoria) que frequentavam entre o 7.º e o 12.º ano de escolaridade.

A maioria dos participantes tem nacionalidade Portuguesa (83.5%, n=370), seguidos dos participantes com dupla nacionalidade (3.5%, n=16) e de participantes de outras nacionalidades (13.1%, n=57) as suas idades situam-se entre os 12 e os 21 anos (M=15.18, DP=1.86) para o cálculo da média de idades houve 4 omissões. No que respeita às retenções de ano escolar a maioria

da amostra nunca reprovou (78.3%; n = 347) sendo que a percentagem de reprovação é de 21% (n=93). Quanto ao número de irmãos a maioria dos participantes tem um ou mais irmãos (81.7%, n=362). Cerca de metade dos participantes (50.3%, n=223) reportou história de CAL, sendo que a história de atividades *online* relacionadas a CAL foi mais elevada (67.9%, n=301). A diversidade de CAL expressa na quantidade de métodos utilizados foi de 1.75 (DP=2.41) e representou 39.3% (n=174) da população. Quanto à severidade destes comportamentos 46% (n=203) identificaram severidade baixa e 28% (n=123) severidade alta.

## 6. Instrumentos

### 6.1. Questionário Sociodemográfico

O questionário sociodemográfico inclui informação como, o sexo, idade, nacionalidade, ano de escolaridade, histórico de reprovação escolar, fratrias, entre outras informações.

### 6.2. Comportamentos Autolesivos

Os comportamentos autolesivos serão avaliados através do Inventário de Comportamentos Autolesivos (ICAL) que é uma medida de autorrelato aferida e adaptada para a população adolescente por Duarte e colaboradores (2019a) a partir da primeira secção do *Inventory of Statements About Self-Injury* (ISAS) (Klonsky & Glenn, 2009). O ICAL avalia a frequência de 13 métodos de CAL, classificados em 3 dimensões de severidade, isto é: *CAL de elevada severidade* (e.g., *cortei-me; queimei-me; tentei suicidar-me*); *CAL leve a moderado* (e.g., *mordime; puxei/arranquei o cabelo*) e ingestão de *substâncias com intenção autolesiva* (e.g., *consumi drogas com a intenção de me magoar*). Assim, foi criada uma variável dicotómica para codificar a presença de elevada severidade de CAL “Sim=1” e a ausência de severidade elevada de CAL “Não=0”. Bem como, outra variável dicotómica para codificar a presença de *CAL leve a moderado* “Sim=1” e a ausência de *CAL leve a moderado* “Não=0”.

A avaliação é feita pelo adolescente através de uma escala de resposta com 4 opções, tais como *Não; Sim (1 vez); Sim (2 a 10 vezes) e Sim (Mais de 10 vezes)*. Este inventário tem sido usado em estudos sobre CAL e apresenta características psicométricas satisfatórias a boas. Neste sentido, foi criada uma variável dicotómica para codificar a presença de história de CAL “Sim=1” e a ausência de história de CAL “Não=0”. Neste estudo, obteve-se um alfa de Cronbach 0.83.

### 6.3. Funções dos Comportamentos Autolesivos

As funções dos comportamentos autolesivos serão avaliados através do Questionário de Representações das Funções de Autolesão Deliberada que é uma medida de autorrelato validada e adaptada para a população adolescente por Duarte e colaboradores (2020a). Este questionário tem por base o *Inventory of Statements About Self-Injury* (ISAS) (Klonsky & Glenn, 2009). É composto por 35 itens para avaliar 11 funções do CAL, classificados em 2 dimensões: funções intrapessoais (e.g., *regulação emocional; autopunição; anti dissociação*) e funções interpessoais (e.g., *vínculo com pares; limites interpessoais*). A avaliação é feita pelo adolescente através de uma escala de *likert* de 5 pontos que varia entre “Discordo Totalmente” a “Concordo Totalmente”. Neste estudo, a medida apresentou boa consistência interna ( $\alpha = 0.86$ ), quanto às dimensões, estas apresentaram uma consistência interna média a boa, respetivamente dimensão interpessoal ( $\alpha=0.77$ ) e a intrapessoal ( $\alpha=0.86$ ).

### 6.4. Atividades *Online* relativas aos CAL

O questionário de autorrelato foi elaborado tendo em conta contributos de investigadores e como base no estudo de Nesi e colaboradores (2021) para a aferição da presença de atividades *online* relativas a CAL (e.g., visualizar; conversar com pessoas que apenas se conhece *online*; conversar com pessoas que se conhece *offline*; partilhar; criar e partilhar conteúdos). Importa cada vez mais aferir o posicionamento a favor e contra (Lewis & Michal, 2016) das atividades *online* sobre CAL, assim neste estudo pretende-se identificar a tipologia dos conteúdos (i.e., a favor e contra CAL).

A avaliação da variável atividades *online* a favor de CAL é feita através de uma escala de *likert* de 5 pontos que varia entre “Nunca” a “Sempre” onde o inquirido identifica a frequência com que tem algum desses comportamentos *online* a favor de CAL (e.g., *os conteúdos que viste eram a favor destes comportamentos?; as conversas foram a favor destes comportamentos?; os conteúdos que partilhaste eram a favor destes comportamentos; os conteúdos que criaste e partilhaste eram a favor destes comportamentos?*). Seguidamente, foi feita uma média das pontuações dos diversos itens por plataforma referentes às atividades *online* a favor de CAL nas plataformas por sujeito.

A operacionalização da variável atividades *online* contra CAL é feita através de uma escala de *likert* de 5 pontos que varia entre “Nunca” a “Sempre” onde o inquirido identifica a

frequência com que tem atividades *online* contra CAL (e.g., *os conteúdos que viste eram contra estes comportamentos?*; *as conversas foram contra estes comportamentos?*; *os conteúdos que partilhaste eram contra estes comportamentos?*; *os conteúdos que criaste e partilhaste eram contra estes comportamentos?*). Posteriormente, foi feita uma média das pontuações dos diversos itens referentes às atividades *online* contra CAL nas plataformas por sujeito.

Também se pretende elaborar uma breve análise descritiva das várias plataformas *online*, onde estas atividades têm lugar e que tipologia de atividade (i.e., contra ou a favor de CAL) é a mais frequente.

### **6.5. Identificação à família e amigos**

A identificação à família e amigos foi operacionalizada através de uma medida de item único, adaptada a partir de uma dimensão de identificação social de item único (Single Item Social Identification - SISI) que inclui o nível de concordância do inquirido com a afirmação “*Identifico-me com meu grupo (ou categoria)*” (Postmes et al., 2013). Tanto a medida de identificação à família (Item: “*Identifico-me com a minha família*”) como a de identificação aos amigos (Item: “*Identifico-me com o meu grupo de amigos*”) é feita através de uma escala de *likert* de 7 pontos que varia entre “*Discordo Totalmente*” a “*Concordo Totalmente*”.

### **6.6. Identificação a pessoas que criam conteúdos *online* sobre CAL**

A identificação a pessoas que criam conteúdos *online* sobre CAL é avaliada através da adaptação da medida de identificação social acima descrita (Postmes et al., 2013), contudo foram considerados dois itens (Item 1: “*Identifico-me com estas pessoas*” e Item 2: “*Estas pessoas são muito importantes para mim*”) para a identificação com pessoas que criam conteúdos gerais relativos a estes comportamentos na internet; dois itens para a identificação com pessoas que criam conteúdos a favor destes comportamentos *online* e dois itens para a identificação com pessoas que criam conteúdos contra estes comportamentos *online*. É uma medida de autorrelato que avalia através de uma escala de *likert* de 7 pontos que varia entre “*Discordo Totalmente*” a “*Concordo Totalmente*”. A sua consistência interna é satisfatória para a identificação a pessoas que criam conteúdos *online* sobre CAL ( $\alpha=0.74$ ), boa para a identificação a pessoas que criam conteúdos *online* a favor de CAL ( $\alpha =0.86$ ) e contra CAL ( $\alpha =0.84$ ).

## 7. Procedimento

Este estudo pretende analisar o que motiva os adolescentes a ingressarem em condutas autolesivas nas redes sociais. Esta é uma área relativamente nova e que apresenta uma multiplicidade de fenómenos inerentes ao mundo *online*, o que se reflete nos estudos analisados na revisão de literatura e que nos dá conta de um contexto complexo, com medidas e conceitos ainda por aperfeiçoar. Assim, considerou-se mais vantajoso uma análise exploratória e descritiva com corte transversal, do que foi possível observar através de uma amostra não probabilística por conveniência (população escolar entre os 12 e os 21 anos) (Barker et al. 2016).

Esta investigação está inserida num projeto mais abrangente, aprovado pela Comissão Institucional de Ética do ISPA. Procedeu-se à elaboração e validação do questionário que serviu de base para a recolha de dados em âmbito escolar. Contactaram-se as escolas e informou-se sobre os objetivos e âmbito da investigação, aquando da confirmação por parte das direções escolares da possibilidade de recolha de dados, foram entregues os consentimentos informados para que os encarregados de educação os pudessem assinar, bem como foi pedido o assentimento dos alunos que participaram no estudo.

A recolha foi feita através de um questionário de autorrelato criado na plataforma Qualtrics XM, com uma duração média de cerca 45 minutos, aplicado presencialmente durante o período de aulas nos computadores disponibilizados pela escola, entre abril e maio de 2023. No momento da aplicação, foram explicados os objetivos do estudo e foi garantida a confidencialidade e o anonimato das recolhas. O tratamento estatístico dos dados foi realizado com o software IBM SPSS Statistics (versão 29.0), tendo sido usados o teste do Qui-quadrado para teste de populações independentes e modelos de regressão linear, com o método *stepwise* para a identificação de variáveis independentes que contribuem para a predição das atividades *online* relativas a CAL.

## 8. Resultados

Na análise estatística dos dados recolhidos para este estudo foi considerada a probabilidade de erro de tipo I, tendo em conta um  $\alpha \leq 0.05$  para análise das significâncias. A amostra deste estudo (N=443) apresenta uma dimensão razoável (>30 indivíduos) pelo que se pode assumir que cumpre o pressuposto de normalidade dos testes paramétricos, uma vez que se pode aplicar o teorema do limite central que prevê que amostras acima dos 30 indivíduos apresentam distribuições da média amostral aproximadas à normal (Marôco, 2021).

Neste estudo fez-se uma análise descritiva das plataformas usadas para as atividades *online* relativas a CAL, bem como a descrição do tipo de conteúdos acedidos (a favor e contra). Também se desenvolveu uma análise exploratória da forma como variáveis identificadas na literatura (independentes) são capazes de predizer atividades *online* associadas a CAL (variáveis dependentes). Primeiramente recorreu-se a correlações de *Pearson* que identificassem a relações significativas entre as variáveis. Posteriormente usou-se a regressão linear múltipla, método *stepwise* de forma a identificar as variáveis com capacidade preditora sobre a variável dependente.

### **8.1. Descrição das Atividades *online* relativas aos CAL**

Tendo em conta um dos objetivos deste estudo, que se prendem com a descrição das várias atividades *online* associadas a CAL quanto à sua presença, às plataformas usadas e ao teor das conversas e conteúdos, verificaram-se os seguintes resultados.

Identificaram-se diferenças significativas quanto à diferença entre o sexo dos participantes e a adesão às atividades *online* associadas a CAL ( $X^2(2) = 8.66, p < 0.01, N = 443$ ), sendo que 148 participantes masculinos apresentaram atividades *online* relativas a CAL e 91 não apresentam qualquer atividade destas. No grupo feminino 142 participantes apresentaram história de atividades *online* sobre CAL e 47 ausência deste tipo de comportamento. No que refere à idade não se verificam diferenças significativas na presença de atividades *online* relativas a CAL ( $X^2(9) = 8.19, p > 0.52, N = 439$ ). No que refere à história de atividades *online* relativas a CAL, a visualização de conteúdos *online* sobre CAL foi a atividade com maior adesão, seguida da comunicação *online* com pessoas conhecidas *offline* e da comunicação *online* com pessoas só conhecidas *online*. As atividades com menor adesão foram a partilha de conteúdos *online* e a criação e partilha de conteúdos *online*.

Apenas 142 participantes afirmaram nunca ter realizado atividades *online* relativas a CAL (32.1%) os restantes já realizaram algum tipo de atividade *online* sobre CAL ( $N=301, 67.9\%$ ) e usaram as plataformas descritas na Tabela 1, das quais se destaca o Instagram que foi a plataforma mais usada para todos os tipos de atividade, salvo a visualização de conteúdos onde o TikTok apresentou mais visualizações do que qualquer outra rede. Assim, as plataformas mais usadas para atividades referentes a CAL foram, respetivamente, o Instagram, o TikTok e o WhatsApp. Quanto à tipologia de conversas e conteúdos sobre CAL para cada atividade *online* estas são maioritariamente contra CAL, sendo os conteúdos a favor os menos presentes (Tabela 2).

**Tabela 1.** *Atividades Online Relativas aos CAL e Plataformas Utilizadas*

<i>Tipo de atividades online relativas aos CAL</i>	<i>Com atividade online</i> N (%)	Plataformas								
		N (%)								
		Instagram	Tiktok	WhatsApp	Discord	Facebook	Reddit	4Chan	Twitter	Outras
<i>Visualização de conteúdos online</i>	260 (58.7%)	163 (36.7%)	197 (44.4%)	75 (16.9%)	56 (12.6%)	43 (9.7%)	47 (10.6%)	12 (2.7%)	118 (26.6%)	36 (8.1%)
<i>Comunicação online com pessoas conhecidas offline</i>	143 (32.3%)	85 (19.1%)	26 (5.8%)	108 (24.3%)	51 (11.5%)	10 (2.2%)	8 (1.8%)	4 (0.9%)	19 (4.2%)	6 (1.3%)
<i>Comunicação online com pessoas só conhecidas online</i>	101 (22.8%)	58 (13.1%)	22 (4.9%)	52 (11.7%)	45 (10.1%)	5 (1.1%)	8 (1.8%)	5 (1.1%)	13 (2.9%)	5 (1.1%)
<i>Partilha de conteúdos online</i>	43 (9.7%)	36 (8.1%)	20 (4.5%)	21 (4.7%)	6 (1.3%)	3 (0.6%)	4 (0.9%)	1 (0.2%)	10 (2.2%)	3 (0.6%)
<i>Criação e partilha de conteúdos online</i>	26 (5.9)	19 (4.2%)	13 (2.9%)	12 (2.7%)	5 (1.1%)	1 (0.2%)	2 (0.45%)	2 (0.45%)	5 (1.1%)	1 (0.2%)

*Nota.* CAL, *Comportamentos autolesivos*

**Tabela 2.** *Teor das conversas e/ou conteúdos online sobre CAL por atividade*

Tipo de atividades <i>online</i> relativas aos CAL	Teor de conversas / conteúdos	
	N (%)	
	Contra	A favor
Visualização de conteúdos <i>online</i>	236 (53.3%)	177 (40%)
Comunicação <i>online</i> com pessoas conhecidas <i>offline</i>	134 (30.2%)	62 (14%)
Comunicação <i>online</i> com pessoas só conhecidas <i>online</i>	99 (22.3%)	45 (10.2%)
Partilha de conteúdos <i>online</i>	61 (13.8%)	20 (4.5%)
Criação e partilha de conteúdos <i>online</i>	40 (9%)	19 (4.3%)

*Nota.* CAL, *Comportamentos autolesivos*

Os resultados quanto à tipologia de conversa e conteúdos por atividade *online* sugerem que a visualização de conteúdos foi mais evidente no TikTok, quer estes fossem a favor quer fossem contra CAL. A comunicação *online* com pessoas conhecidas *offline* sobre CAL foi mais frequente no WhatsApp tanto a favor de CAL como contra. A comunicação *online* com pessoas só conhecidas *online* a favor de CAL foi mais frequente no WhatsApp, mas contra foi mais prevalente no Instagram.

A partilha de conteúdos a favor de CAL foi mais frequente tanto no Instagram como no TikTok. A partilha contra CAL foi mais presente no Instagram. Os resultados sugerem que a criação e partilha de conteúdos a favor de CAL foi mais presente tanto no Instagram como no WhatsApp. Já a criação e partilha de conteúdos contra CAL foi mais frequente no Instagram. As frequências de atividade *online* por rede e tipologia de conteúdos/comunicação estão presentes na Tabela 3.

**Tabela 3.** *Tipologia das conversas e/ou conteúdos online sobre CAL por atividade e Plataformas Utilizadas*

<i>Tipo de atividades online relativas aos CAL</i>	<i>Plataformas N (%)</i>							
	<i>Instagram</i>	<i>Tiktok</i>	<i>WhatsApp</i>	<i>Discord</i>	<i>Facebook</i>	<i>Reddit</i>	<i>4Chan</i>	<i>Twitter</i>
<i>Visualização de conteúdos online a favor de CAL</i>	104 (23.5%)	123 (27.8%)	51 (11.5%)	52 (11,7%)	37 (8.4%)	40 (9%)	23 (5.2%)	83 (18.7%)
<i>Visualização de conteúdos online a contra CAL</i>	188 (42.4%)	196 (44.2%)	110 (24.8%)	99 (22.3%)	93 (21%)	91 (20.5%)	78 (17.6%)	132 (29.8%)
<i>Comunicação online com pessoas conhecidas offline a favor de CAL</i>	31 (7%)	15 (3.4%)	46 (10.4%)	26 (5.9%)	11 (2.5%)	7 (1,6%)	8 (1.8%)	9 (2%)
<i>Comunicação online com pessoas conhecidas offline contra CAL</i>	98 (22.1%)	61 (13.8%)	106 (23.9%)	74 (16.7%)	49 (11.1%)	44 (9.9%)	42 (9.5%)	49 (11.1%)
<i>Comunicação online com pessoas só conhecidas online a favor de CAL</i>	24 (5.4%)	13 (2.9%)	25 (5.6%)	22 (5%)	7 (1,6%)	6 (1.4%)	5 (1.1%)	7 (1.6%)
<i>Comunicação online com pessoas só conhecidas online contra CAL</i>	71 (16%)	46 (10.4%)	64 (14.4%)	58 (13,1%)	35 (7.9%)	36 (8.1%)	33 (7.4%)	35 (7.9%)
<i>Partilha de conteúdos online a favor de CAL</i>	12 (2.7%)	12 (2.7%)	10 (2.3%)	6 (1.4%)	3 (0.7%)	3 (0.7%)	3 (0.7%)	5 (1.1%)
<i>Partilha de conteúdos online contra CAL</i>	54 (12.2%)	39 (8.8%)	42 (9.5%)	30 (6.8%)	29 (6.5%)	27 (6.1%)	28 (6.3%)	30 (6.8%)
<i>Criação e partilha de conteúdos online a favor de CAL</i>	11 (2.5%)	10 (2.3%)	11 (2.5%)	7 (1.6%)	3 (0.7%)	5 (1.1%)	4 (0.9%)	4 (0.9%)
<i>Criação e partilha de conteúdos online contra CAL</i>	34 (7.7%)	28 (6.3%)	27 (6.1%)	21 (4.7%)	19 (4.3%)	19 (4.3%)	19 (4.3%)	20 (4.5%)

*Nota.* CAL, *Comportamentos autolesivos*

Para além da descrição das atividades *online* associadas a CAL acima descritas, no presente estudo pretende-se analisar a relação das variáveis identificadas na revisão da literatura com as atividades *online* associadas a CAL. Abaixo seguem-se os modelos de regressão linear múltipla de método *stepwise*. Para clareza da informação, note que apenas foram colocadas na tabela as variáveis independentes que demonstraram capacidade de predição significativa ( $p \leq 0.05$ ), qualquer variável que não cumprisse este critério foi excluída do modelo.

## 8.2. Análise das variáveis preditoras de atividades *online* a favor de CAL

Com vista a responder à hipótese 1, na qual se espera que adolescentes com história, diversidade e severidade de CAL; com maiores níveis de identificação a pessoas que desenvolvem conteúdos *online* a favor e no geral sobre CAL; com menores níveis de identificação à família e aos amigos e menores níveis de identificação a pessoas que desenvolvem conteúdos *online* contra CAL, apresentem maior frequência de atividades *online* a favor de CAL. Inicialmente foi feita uma análise correlacional para identificar as variáveis que apresentam associações significativas com as atividades *online* a favor de CAL, para depois se passar à análise de como essas variáveis têm capacidade de prever estas atividades *online* nas diversas plataformas. Assim, na análise correlacional identificaram-se as variáveis com relações significativas positivas, como a identificação com os amigos e a identificação com criadores de conteúdos gerais *online*, foi também verificada uma correlação significativa negativa com a história de CAL.

**Tabela 4.** *Regressão Linear: Análise das variáveis preditoras da frequência de atividades online a favor de CAL*

Variáveis Predictoras	$\beta$	SE	95% IC		t	p
			LL	UL		
1) História de CAL	-0.25	0.05	-0.35	-0.16	-5.17	<0.001
2) Identificação com criadores de conteúdos gerais <i>online</i>	0.04	0.02	0.01	0.07	2.48	0.01
R <sup>2</sup> a	0.06					<0.001
F (2, 440)	14.37					

*Nota.* SE=Standardized Error IC = Intervalo de Confiança; LL = lower limit; UL = upper limit;

*Nota.* A frequência de atividades *online* a favor de CAL foi operacionalizada através de uma média de pontuações dos diversos itens referentes às atividades *online* a favor de CAL nas plataformas por sujeito.

A regressão linear (Tabela 4) mostra que a história de CAL ( $\beta=-0.25$ ;  $t(440)=-5.17$ ;  $p<0.001$ ) e a identificação com criadores de conteúdo *online* ( $\beta=0.04$ ;  $t(440)=2.48$ ;  $p=0.01$ ) são preditoras significativas das atividades *online* a favor de CAL. Contudo, a história de CAL tem uma relação negativa com a frequência de das atividades *online* a favor de CAL. Estes resultados permitem verificar que os adolescentes com história de CAL apresentam uma menor frequência de atividades *online* a favor de CAL nas diversas plataformas. Já a identificação com criadores de conteúdos gerais *online* tem uma relação significativa e positiva com as atividades *online* a favor de CAL. Embora houvesse uma correlação significativa, a identificação aos amigos não mostrou capacidade de prever as atividades *online* a favor de CAL. Assim, a hipótese 1 foi só parcialmente confirmada, uma vez que, apenas duas das oito variáveis que se esperavam influenciar as atividades *online* a favor de CAL tiveram capacidade preditora.

### **8.3. Análise das variáveis preditoras de atividades *online* contra CAL**

De forma a responder à hipótese 2, na qual se espera que adolescentes sem história, diversidade e severidade de CAL, com maiores níveis de identificação a pessoas que desenvolvem conteúdos *online* gerais e contra CAL, com maiores níveis de identificação à família e aos amigos e menores níveis de identificação a pessoas que desenvolvem conteúdos *online* a favor sobre CAL, apresentem maior frequência de atividades *online* contra CAL nas várias plataformas.

Primeiramente, foi feita uma análise correlacional para identificar variáveis que apresentam associações significativas com as atividades *online* contra CAL, para depois se iniciar a análise de como estas variáveis são capazes de prever as atividades *online* contra CAL. Assim, na análise correlacional identificaram-se quatro variáveis relacionadas positiva e significativamente às atividades *online* contra CAL, a identificação a criadores de conteúdos *online* no geral e contra CAL; a identificação aos amigos e a identificação à família. Também se identificaram correlações significativas e negativas com variáveis como a identificação com criadores de conteúdos *online* a favor de CAL e a história de CAL.

**Tabela 5.** Regressão Linear: Análise das variáveis preditoras da frequência de atividades online contra de CAL

Variáveis Predictoras	$\beta$	SE	95% IC		t	p	
			LL	UL			
1) Identificação com criadores de conteúdos <i>online</i> no geral sobre CAL	0.11	0.04	0.04	0.19	3.0	0.003	
2) Identificação aos amigos	0.10	0.04	0.03	0.18	2.7	0.006	
3) Identificação com criadores de conteúdos <i>online</i> contra CAL	0.09	0.03	0.04	0.14	3.5	<0.001	
4) Identificação com criadores de conteúdos <i>online</i> a favor de CAL	-0.13	0.04	-0.20	-0.06	-3.6	<0.001	
5) História de CAL	-0.23	0.09	-0.43	-0.07	-2.7	0.006	
R <sup>2</sup> a	0.10					<0.001	
F (5, 437)	11.15						

Nota. SE=Standardized Error IC = Intervalo de Confiança; LL = lower limit; UL = upper limit;

Nota. A frequência de atividades online contra CAL foi operacionalizada através de uma média de pontuações dos diversos itens referentes às atividades online contra CAL nas plataformas por sujeito

A regressão linear (Tabela 5) sugere que a identificação com criadores de conteúdos *online* no geral sobre CAL ( $\beta=0.11$ ;  $t(437)=3.0$ ;  $p=0.003$ ), a identificação aos amigos ( $\beta=0.10$ ;  $t(437)=2,7$ ;  $p=0.006$ ) e a identificação com criadores de conteúdos *online* contra CAL ( $\beta=0.09$ ;  $t(437)=3.5$ ;  $p<0.001$ ) são preditoras positivas e significativas de atividades *online* contra CAL. Já a identificação com criadores de conteúdos *online* a favor de CAL ( $\beta=-0.13$ ;  $t(437)=-3.6$ ;  $p<0.001$ ) e a história de CAL ( $\beta=-0.23$ ;  $t(437)=-2.7$ ;  $p=0.006$ ) são preditoras negativas e significativas de atividades *online* contra CAL nas diversas plataformas.

Note-se que na análise correlacional foi identificada uma correlação significativa e positiva entre a identificação à família e as atividades *online* contra CAL, mas esta não teve força preditora na regressão. Assim, a hipótese 2 foi parcialmente verificada, uma vez que apenas cinco das oito variáveis que se esperavam influenciar as atividades *online* contra CAL, contribuíram para a frequência de atividades *online* contra CAL.

#### 8.4. Análise das funções predictoras de atividades *online* a favor de CAL

Na hipótese 3 espera-se que adolescentes que identifiquem funções intrapessoais (isto é, autopunição, regulação emocional, forma de introspecção, anti dissociação, mecanismo de fuga e substituição do sofrimento) apresentem maior frequência de atividades *online* a favor de CAL. Tal como se espera que adolescentes que identifiquem funções interpessoais (isto é; o vínculo a pares, limites interpessoais, influência interpessoal, autonomia/resistência e vingança) apresentem menor frequência de atividades *online* a favor de CAL nas diversas plataformas.

Numa primeira fase, desenvolveu-se uma análise correlacional para identificar variáveis que apresentam associações significativas com as atividades *online* contra CAL, da qual se encontrou uma correlação positiva e significativa com a função interpessoal de vingança com as atividades *online* a favor de CAL. Passou-se então à regressão linear para verificar a capacidade preditora desta variável sobre as atividades *online* a favor de CAL.

**Tabela 6.** *Regressão Linear: Análise das funções interpessoais predictoras da frequência de atividades online a favor de CAL*

Variáveis Predictoras	$\beta$	SE	95% IC		t	p
			LL	UL		
1) Função interpessoal: Vingança	0.08	0.03	0.03	0.13	3.08	0.002
R <sup>2</sup> a	0.02					0.002
F (1, 441)	9.49					

Nota. SE=Standardized Error IC = Intervalo de Confiança; LL = lower limit; UL = upper limit;

Nota. A frequência de atividades *online* a favor de CAL foi operacionalizada através de uma média de pontuações dos diversos itens referentes às atividades *online* a favor de CAL nas plataformas por sujeito.

A regressão linear (Tabela 6) sugere que a função interpessoal de vingança ( $\beta=0.08$ ;  $t(441)=3.08$ ;  $p=0.002$ ) é preditora significativa e tem uma relação positiva com as atividades *online* a favor de CAL. Este resultado demonstra que atividades *online* a favor de CAL poderão ter como motivação a retaliação para com o outro.

#### 8.5. Análise das funções predictoras de atividades *online* contra CAL

Na hipótese 4, espera-se que os adolescentes que assinalem as funções interpessoais (isto é; vínculo a pares, limites interpessoais, influência interpessoal, vingança e autonomia/resistência)

apresentem maior frequência de atividades *online* contra CAL nas diversas plataformas. Também, é esperado que adolescentes que assinalem as funções intrapessoais (isto é; autopunição, forma de introspeção, regulação emocional, mecanismo de fuga, anti dissociação e substituição do sofrimento) tenham menor frequência de atividades *online* contra CAL nas várias plataformas. Inicialmente fez-se uma análise correlacional para identificar variáveis que apresentam associações significativas, onde se identificaram duas funções relacionadas positiva e significativamente às atividades *online* contra CAL, a função de influência interpessoal e a de vingança. Posteriormente, passou-se à regressão linear para verificar a capacidade preditora destas variáveis sobre as atividades *online* contra de CAL.

**Tabela 7.** *Regressão Linear: Análise das funções interpessoais predictoras da frequência de atividades online contra de CAL*

Variáveis Predictoras	$\beta$	SE	95% IC		t	p
			LL	UL		
1) Função interpessoal: Influência Interpessoal	0.12	0.05	0.18	0.21	2.34	0.02
R <sup>2</sup> a						0.02
F (1, 441)	5.46					

Nota. SE=Standardized Error IC = Intervalo de Confiança; LL = lower limit; UL = upper limit;

Nota. A frequência de atividades *online* contra CAL foi operacionalizada através de uma média de pontuações dos diversos itens referentes às atividades *online* contra CAL nas plataformas por sujeito

A regressão linear (Tabela 7) mostrou que a função de influência interpessoal ( $\beta=0.12$ ;  $t(441)=2.34$ ;  $p=0.02$ ) é preditora de maior frequência de atividades *online* contra CAL. Esta variável tem uma relação positiva e significativa com as de atividades *online* contra CAL. Note-se que na análise correlacional foi identificada uma correlação significativa entre a função vingança e as atividades *online* contra CAL, contudo esta foi suficientemente robusta para ser incluída na regressão. Assim, a hipótese 4 foi parcialmente verificada, uma vez que apenas uma das cinco dimensões das funções interpessoais que se esperavam influenciar as atividades *online* contra de CAL, teve capacidade preditora e nenhuma das seis funções intrapessoais contribuiu para a probabilidade de menor ocorrência de atividades *online* contra CAL nas diversas plataformas.

## 9. Discussão

Este estudo tem como objetivo a compreensão de como determinadas variáveis, nomeadamente a história, a severidade, a diversidade e as funções de CAL, a identificação à família, amigos e ao plano *online* poderão estar relacionadas a atividades *online* a favor ou contra os CAL, na população adolescente. Inicialmente procedeu-se à análise descritiva das redes sociais utilizadas para estas atividades *online*, tal como se analisou a tipologia dos conteúdos acedidos (a favor e contra) por cada rede social. Numa segunda fase procedeu-se à análise de como as variáveis identificadas na literatura (i.e., funções dos comportamentos autolesivos, a história, severidade e diversidade de CAL, a identificação à família, amigos e ao plano *online*) são capazes de predizer as atividades *online* a favor e contra CAL nas redes sociais.

### 9.1. Descrição das Atividades *Online* Relativas aos CAL

A análise descritiva revelou que 67.9% (N=301) dos participantes do estudo realizaram atividades *online* relativas a CAL e que 36.1% (N=160) dos adolescentes reportaram já ter feito mais do que um tipo de atividade *online* relacionada a estes comportamentos. A atividade *online* com mais preponderância foi a visualização de conteúdos (N=260, 58.7%), um terço da população deste estudo comunicou *online* com pessoas conhecidas *offline* (N=143, 32.3%) e 22.8% comunicaram *online* com pessoas só conhecidas *online* (N=101). As atividades com menor expressão foram, a partilha de conteúdos *online* (N=43, 9.7%) e a criação e partilha de conteúdos *online* (N=26, 5.9%). O que é consistente com os resultados do estudo de Nesi e colaboradores (2021) segundo o qual, a comunicação *online* com pessoas conhecidas *offline* foi a atividade mais frequente, seguindo-se a visualização de conteúdos, a comunicação *online* com pessoas só conhecidas *online* e a partilha de conteúdos relativos a CAL.

Quanto à tipologia dos conteúdos e conversas *online*, estes são na sua maioria contra os CAL em qualquer das atividades *online*. Estes resultados estão em consonância com a literatura e podem remeter para a procura de suporte e informação nas redes sociais, bem como de estratégias para contornar o envolvimento em comportamentos autolesivos (Swannell et al., 2010). Assim, o plano *online* poder-se-á constituir um espaço de entreajuda e de esclarecimento mais do que um risco (Lewis & Michal, 2016; Whitlock, et al., 2007).

Neste estudo, as redes sociais mais usadas para atividades *online* relativas a CAL foram, respetivamente, o Instagram, o TikTok e o WhatsApp. Assinale-se o Instagram como a plataforma

mais frequentada para todo o tipo de atividades *online* sobre CAL à exceção da visualização de conteúdos onde o TikTok foi a mais usada de todas as redes sociais. O que está em concordância com os demais estudos acerca desta temática verificando-se estas atividades no Instagram (Arendt et al., 2019; Brown et al., 2018; Nesi et al., 2021), no TikTok (Logrieco, et al., 2021) e em redes sociais orientadas para envio de mensagens (e.g., WhatsApp) (Nesi et al., 2021; Whitlock, 2006).

Ao analisar mais aprofundadamente a tipologia de conversa e conteúdos (a favor ou contra) por atividade *online* e por plataforma, verificou-se que a mais usada para ver conteúdos quer a favor quer contra foi o TikTok. Esta plataforma é uma das mais utilizadas por adolescentes com cerca de 1.051 milhões de utilizadores e com mais tempo despendido em visualizações (Kemp, 2023). O Tiktok tem sido alvo de críticas pela sua fraca capacidade de filtrar conteúdos nocivos (e.g., a favor de CAL). Embora algumas ações preventivas tenham sido tomadas (e.g., criação de vídeos com conteúdos informativos e neutros sobre CAL e uma revisão mais apertada da informação partilhada) ainda se encontram conteúdos a favor de CAL no TikTok, uma vez que os usuários contornam os filtros de revisão (Logrieco, et al., 2021). Outro fator que poderá contribuir para que o TikTok seja o mais usado para a visualização de conteúdos sobre CAL, pode estar relacionado com os vídeos de curta duração, característicos desta plataforma, o que a torna um meio privilegiado de acesso a um número elevado de conteúdos num curto espaço de tempo.

O WhatsApp foi a plataforma mais utilizada para comunicar *online* com pessoas conhecidas *offline*, tanto a favor como contra CAL. O que está em consonância com a literatura (e.g., Nesi et al., 2021; Whitlock, 2006). Esta é uma rede social especialmente utilizada para mensagens e associada ao contacto telefónico da pessoa, daí que possa estar mais relacionada às conversações sobre CAL com pessoas conhecidas *offline*.

O WhatsApp também foi a aplicação mais presente na conversação *online* a favor de CAL com pessoas só conhecidas *online*. O que pode sugerir que adolescentes que fazem este tipo de atividade *online* parecem disponibilizar os seus contactos telefónicos a pessoas que apenas conhecem *online*. Mas também pode indicar que a divulgação dos seus contactos pode acontecer de forma involuntária, caso sejam adicionados a grupos WhatsApp para conversação *online* sobre CAL. O que poderá constituir um comportamento de risco pela exposição a conteúdos sobre CAL nestes grupos e acesso a contactos de adolescentes por parte de usuários que poderão estar a promover este tipo de condutas.

O Instagram foi a rede social mais utilizada para a conversação *online* contra CAL com pessoas só conhecidas *online*. Para tal, podem contribuir as características desta plataforma muito usada para a partilha de imagens e vídeos bastante gráficos sobre autolesão, que poderão despoletar conversas contra CAL entre usuários que apenas se conhecem *online*. O que foi verificado noutra estudo (e.g., Brown et al., 2018), onde a partilha de conteúdos gráficos *online* aumentaram a quantidade de comentários que ofereciam apoio para a prevenção dos CAL a quem os tinha publicado.

Já o Instagram e o TikTok foram as aplicações onde ocorreram mais partilhas de conteúdos a favor de CAL, vários estudos sugerem que estas plataformas têm estado associadas a comportamentos de risco, pela permissibilidade e a capacidade de aceder a uma variedade de conteúdos gráficos num curto espaço de tempo (Brown et al., 2018; Logrieco, et al., 2021).

Para a partilha e a criação/partilha de conteúdos contra CAL, a plataforma mais utilizada foi o Instagram. Esta prática sugere que a escolha dos usuários contra CAL recaí sobre o Instagram, por ser o canal mais utilizado pelos utilizadores a favor de CAL. O que pode refletir um conjunto de respostas preventivas e de suporte por parte dos usuários contra CAL, bem como uma resposta das próprias plataformas para regular este tipo de atividade. Brown e colaboradores (2018) verificaram no seu estudo que imagens sobre CAL aumentaram o número de comentários, na sua maioria neutros e empáticos, nos quais outros usuários ofereciam ajuda, sendo que apenas alguns comentários eram hostis.

O WhatsApp e o Instagram foram as plataformas onde se criaram e partilharam mais conteúdos a favor de CAL. O Instagram tem estado muito associado a este tipo de práticas, possivelmente por permitir a criação de conteúdos bastante gráficos (Arendt et al., 2019) note-se ainda que esta plataforma permite a partilha de imagens e vídeos até com outras redes sociais *online* (Facebook, Twitter, Tumblr), o que pode ser uma valência apelativa para quem quer disseminar estas práticas.

## **9.2. Variáveis Predictoras de Atividades *online* a favor de CAL**

A hipótese 1 demonstrou-se parcialmente suportada pelos resultados, uma vez que, ao contrário do que se esperava a diversidade e severidade de CAL, os menores níveis de identificação aos amigos e à família, menores níveis de identificação a pessoas que desenvolvem conteúdos *online* contra CAL e maiores níveis de identificação a pessoas que desenvolvem conteúdos *online* a favor, não aumentaram a probabilidade de ocorrerem atividades *online* a favor destas condutas.

No entanto, de acordo com o previsto nesta hipótese, a maior identificação com os criadores de conteúdos *online* gerais sobre CAL apresentou uma relação positiva e significativa com as atividades *online* a favor de CAL.

Um dado interessante, na medida em que a identificação a quem cria conteúdos a favor não parece contribuir para atividades a favor de CAL nas plataformas *online*. Mas a identificação a quem cria conteúdos gerais sobre autolesão, parece aumentar a probabilidade de se envolver em atividades *online* a favor de CAL. Este resultado pode sugerir uma tentativa de compreensão mais aprofundada do fenómeno por parte de quem desenvolve atividades *online* a favor de CAL (e.g., como ver, conversar, partilhar), analisando os vários pontos de vista de quem cria os conteúdos (Sternudd, 2012). Contudo este resultado merece um maior aprofundamento em estudos posteriores.

Um resultado surpreendente neste estudo foi que a história de CAL diminuiu a probabilidade de frequência de atividades *online* a favor de CAL. Ao contrário do que era esperado, uma vez que os estudos têm demonstrado que, de forma geral, a história de CAL está relacionada ao envolvimento em atividades *online* sobre estes comportamentos (Jacob et al., 2017; Nesi et al., 2021; Sternudd, 2012). No entanto, estes resultados são condicentes com o estudo de Jacob e colaboradores (2017), onde alguns adolescentes com CAL, acreditavam que esta conduta era íntima e privada e que não deveria ser publicada *online*, pois consideravam que quem o fazia procurava atenção e que a mobilização para o *online* descredibilizava os CAL. Assim, viam os adolescentes que publicavam estes conteúdos como alguém que queria fazer-se passar por “self-injurer”, uma vez que um verdadeiro “self-injurer” fá-lo-ia em privado.

Para estes resultados pode também ter contribuído a vergonha e o receio que estas condutas venham a ser descobertas (pela família e pares que muitas vezes estão associados às redes sociais dos jovens) (Bree et al., 2013; Jacob, et al., 2017). Bem como, podem sugerir uma preocupação destes adolescentes com a banalização do sofrimento associado a estas condutas (Jacob et al., 2017; Marchant et al., 2017; Whitlock et al., 2007) que são muitas vezes alvo de escrutínio e julgamento por parte de outros utilizadores *online* não sensibilizados para o sofrimento inerente aos CAL.

Estes dados podem ainda revelar a normalização das práticas autolesivas nas plataformas *online*, fazendo com que estas já não constituam fator de diferenciação entre adolescentes com ou

sem história de CAL (Hawton et al., 2012; Marchant et al., 2017; Whitlock et al., 2007). Para além de que, muitos destes conteúdos *online* são informativos e cada vez mais regulados por revisores presentes nas plataformas, o que pode diminuir a motivação de quem procura no plano *online* conteúdos mais gráficos e a favor de CAL (Jacob et al., 2017).

### **9.3. Variáveis Predictoras de Atividades *online* contra CAL**

A hipótese 2 foi parcialmente suportada, visto que, ao contrário do que se esperava a diversidade e severidade de CAL não demonstraram menor probabilidade de desenvolver atividades *online* contra CAL. No entanto, os dados sugerem que adolescentes com história de CAL mostraram menor probabilidade ingressar em atividades *online* contra CAL. Bem como, a maior identificação a criadores de conteúdos *online* no geral e contra CAL e a identificação aos amigos aumentaram a probabilidade de frequência de atividades *online* contra CAL. Coincidentemente, os adolescentes com menor identificação a criadores de conteúdos *online* a favor de CAL mostraram mais probabilidade de desenvolver atividades *online* contra CAL. O que é coincidente com a literatura que tem demonstrado que a identificação aos amigos se afirma como um fator protetor contra os comportamentos autolesivos quer estes se estabeleçam *online* ou *offline* (Baumeister et al., 2005; Gámez - Guadix et al., 2022). Fisher e colaboradores (2015) verificaram no seu estudo que a afiliação aos amigos e a grupos de pares diminui a internalização sentimentos de desesperança, de ansiedade e depressão dado que o grupo proporciona uma noção de segurança.

Os estudos também têm revelado que o sentimento de pertença está relacionado a atividades *online* preventivas quanto aos CAL (Fisher et al., 2015; Newman et al., 2007) o que pode explicar a maior probabilidade de adolescentes que se identifiquem com os amigos a ingressar em atividades *online* contra CAL, bem como a identificar-se mais com criadores de conteúdos gerais e contra CAL. Estes resultados podem sugerir que adolescentes que se identificam com os amigos, parecem ter um papel de agentes preventivos contra CAL nas plataformas *online*. E que podem contribuir para uma influência positiva para com os seus pares, na medida em que promovem um meio informativo quanto aos riscos que estas condutas comportam, bem como uma rede de suporte a quem se autolesiona (e.g., Lewis & Michal, 2016; Whitlock, et al., 2007).

Contrariamente ao expectável, a identificação à família, embora tenha surgido na correlação prévia à regressão linear, não demonstrou capacidade de aumentar a frequência de atividades *online* contra CAL. Este resultado pode ser explicado por as relações de amizade e de

pares se tornarem alvo de maior atenção na fase da adolescência como rede de suporte emocional, ainda que as relações familiares continuem a ter a sua relevância (Chen, 2003; Palmonari et al., 1991).

#### **9.4. Funções preditoras de atividades *online* contra e a favor de CAL**

A hipótese 3 foi parcialmente sustentada pelos resultados, uma vez que não foram identificadas funções de índole intrapessoal com capacidade de predizer significativamente atividades *online* a favor de CAL. Também era esperado que as funções de caráter interpessoal diminuíssem a probabilidade de frequência de atividades *online* a favor de CAL, contudo os resultados sugeriram que a função interpessoal de vingança (e.g., tentar magoar alguém que lhes é próximo; tentar culpar alguém porque não fizeram o que queriam) aumentava a probabilidade de os adolescentes desenvolverem atividades *online* a favor de CAL. De acordo com os dados analisados referentes à dimensão *online*, os resultados obtidos diferem do descrito na literatura, pois as funções mais frequentemente identificadas por quem desenvolve condutas autolesivas são as intrapessoais (Batejan et al., 2015; Duarte et al., 2019b).

Era esperado que as funções intrapessoais fossem as mais proeminentes, na medida em que subjazem a comportamentos de maior risco especialmente quando a autoagressão se afirma como algo internalizado e ao serviço da construção de identidade (Bree et al., 2013). Contudo, no caso das atividades *online* sobre CAL, as funções poderão estar mais associadas à retaliação face ao outro pela visibilidade que as plataformas *online* possibilitam, quando outras estratégias de comunicação se demonstram ineficazes por um ambiente pouco atento e/ou responsivo face às suas angústias e necessidades de pertença (Leary et al., 1995; Nock, 2009). Especialmente, na população adolescente onde o plano *online* se tem constituído um recurso para comunicar o seu sofrimento (Marchant et al., 2017).

Quanto à hipótese 4, esta foi parcialmente suportada pelos resultados, uma vez que nenhuma das funções intrapessoais reduziu a probabilidade de ocorrerem atividades *online* contra CAL e apenas uma das funções interpessoais, a influência interpessoal (e.g., procurar o cuidado ou a ajuda de outras pessoas; pedir ajuda e fazer com que a família ou os amigos percebam que não estão bem) aumentou a probabilidade de presença de atividades *online* contra CAL. Este resultado está em consonância com o esperado e previsto na literatura, de que adolescentes que exercem atividades *online* contra CAL irão identificar funções interpessoais para explicar os comportamentos de quem se autolesiona (Batejan et al., 2015; Duarte et al., 2019b). Este resultado

expressa também a crença por parte de quem ingressa em atividades *online* contra CAL, de que quem se autolesiona o faz como forma de comunicar o seu sofrimento, de pedir ajuda e de procurar suporte (Marchant et al., 2017).

## **10. Limitações, pontos fortes do estudo e estudos futuros**

Quanto às limitações do estudo, sublinhe-se que a recolha de informação foi feita através de instrumentos de autorresposta num ambiente de sala de aula, o que poderá ter contribuído para efeitos de inibição e deseabilidade social. O estudo fez parte de um projeto de investigação conjunto, que envolveu diversas medidas que não foram incluídas neste estudo. O que resultou num questionário extenso que poderá ter dificultado a capacidade de sustentar a atenção (por parte dos alunos) durante a resposta do mesmo. Especialmente tendo em conta que esta era uma população adolescente. Refira-se que foi possível reunir uma amostra homogénea e de tamanho razoável, mas que se concentrou maioritariamente na área metropolitana de Lisboa e Algarve. Importa assim, em estudos futuros uma maior representação de outras áreas do País, tal como de outras populações como as clínicas e hospitalares.

O estudo compreendeu uma análise descritiva e exploratória com corte transversal, que através de relações entre variáveis, verificou a probabilidade de determinadas atividades *online* a favor ou contra ocorrerem. Embora tenham sido identificadas variáveis predictoras que apresentaram relações significativas, os resultados sugerem que estas variáveis e os modelos de regressão obtidos têm fraca capacidade para explicar a variabilidade das atividades *online* a favor e contra CAL. Para além da existência de variáveis que não contribuíram para a frequência destas atividades *online*. Contudo, este estudo afirma-se como relevante na medida em que permite concluir que existem outros fatores relevantes para o desenvolvimento destas atividades. Assim, torna-se necessário continuar a investigação de forma a compreender melhor as variáveis que subjazem a este fenómeno.

Esta investigação apresenta vários pontos fortes, tais como; o seu carácter inovador na medida em que explora atividades sobre comportamentos autolesivos *online* a favor e contra na população adolescente portuguesa, onde a produção de estudos neste âmbito tem sido escassa e relativamente recente. Escassos são também os estudos sobre esta população, tanto ao nível nacional como internacional, que relacionem as funções dos comportamentos autolesivos, com as necessidades de pertença e a mobilização para o plano *online*. As atividades *online* sobre CAL tanto se podem afirmar como fatores de risco, quando favorecem estas condutas (Arendt et al.,

2019; Nesi, et al., 2021), ou como potencial de intervenção alargada quando informam ou se assumem contra estas práticas (Lewis & Michal, 2016; Whitlock, et al., 2007) até pelos próprios pares.

Importa, em investigações futuras, integrar outras variáveis que possam explicar as atividades *online*, nomeadamente a conflitualidade na família, aspetos de construção identitária, linha de desenvolvimento de personalidade, associadas a condutas *online* sobre CAL. Também se verificou a necessidade de analisar mais aprofundadamente as dinâmicas de identificação à família e amigos, e se nestes grupos opera uma conduta neutra, contra ou a favor da autolesão. Tal como se considera, que um maior consenso ao nível de instrumentos validados para a operacionalização das atividades *online* referentes à autolesão, poderia robustecer as análises destas práticas (Ougrin et al., 2012). Por fim, importa repensar se a cisão entre mundo *online* vs. *offline* faz ainda sentido especialmente em gerações que já nasceram na era digital (Lewis & Michal, 2016; Whitlock et al., 2007).

## 11. Implicações Clínicas

O plano virtual é terreno fértil para a realização de estudos sobre fenómenos de natureza psicológica. O comportamento autolesivo na adolescência é fruto de uma multiplicidade de fatores intrínsecos e extrínsecos aos indivíduos que nele ingressam (Hawton et al., 2012). No âmbito da investigação, associar o plano virtual à complexa interação de fatores inerentes aos CAL é um empreendimento desafiante. Pretendeu-se assim contribuir para clarificar o papel de determinadas variáveis que subjazem às atividades *online* relativas a CAL de forma a que os profissionais de saúde possam tê-las em conta na auscultação dos seus pacientes em meio clínico. Bem como, possam compreender como o uso do plano *online* nestas práticas é vivenciado pelos adolescentes (Sternudd, 2011), quais as atividades mais nocivas ou preventivas.

A análise de padrões autolesivos nas redes sociais pode integrar uma etapa fundamental e muito útil ao exame diferenciado de adolescentes com história de CAL (Shahwan, 2020), bem como pode constituir um suporte às suas famílias na identificação de interações de risco (dentro e fora do seio familiar), na compreensão destas condutas e na gestão de potenciais crises. Também importa informar familiares, educadores e os próprios jovens para a importância dos sentimentos de pertença e identificação, já que estes parecem constituir um recurso fundamental à prevenção dos CAL quer *online* quer *offline*.

O presente estudo tentou explicar a razão pela qual adolescentes são atraídos para as atividades *online* sobre autolesão, visto que relacionou as motivações interpessoais e intrapessoais, quer estas sejam de índole geral, contra ou a favor de CAL. O estudo permitiu analisar como os adolescentes, que se envolvem nestas atividades *online*, usam estratégias para a expressão das suas problemáticas, bem como para oferecer apoio social a outros semelhantes e receber suporte em troca (Seko et al., 2015). Para além dos clínicos e dos agentes que dão suporte *online*, a sociedade em geral poderá beneficiar do conhecimento sobre estas práticas, como forma de desenvolver programas preventivos condicentes com as motivações que lhes estão subjacentes.

Veja-se que neste estudo 67.9% da amostra experimentou pelo menos um tipo atividade *online* sobre CAL, torna-se assim inviável monitorizar ativamente este número de adolescentes, pelo que uma política mais preventiva nas redes sociais pode beneficiar em muito os escassos e sobrecarregados recursos públicos de saúde mental (Robinson, 2021), em Portugal. O que reafirma a importância da internet na abordagem de saúde pública para a prevenção da autolesão (Mars et al., 2015) e que já se faz sentir na presença de grupos de suporte *online* e na restrição de conteúdos por parte das redes, ainda que alguns adolescentes as contornem (Jacob et al., 2017). Alguns estudos têm-se debruçado nas dinâmicas de prevenção por grupos de suporte, da família e profissionais de saúde mental (e.g., Marchant et al., 2017; Sternudd, 2012). Considera-se que este estudo contribuiu para trazer à luz a importância da participação dos adolescentes nas redes sociais como agentes preventivos da autolesão, pois estes são, na contemporaneidade, os mais despertos para as novas tendências e singularidades do plano *online*.

## Referências

- American Psychiatric Association. 2013. The diagnostic and statistical manual of mental disorders. 5th ed. *American Psychiatric Association*. Washington.
- Andrews, T., Martin, G., Hasking, P., & Page, A. (2013). Predictors of continuation and cessation of nonsuicidal self-injury. *Journal of Adolescent Health*, 53(1), 40-46. <http://dx.doi.org/10.1016/j.jadohealth.2013.01.009>
- Andrewes, H., Hulbert, C., Cotton, S., Betts, J., & Chanen, A. M. (2017). Relationships between the frequency and severity of non-suicidal self-injury and suicide attempts in youth with borderline personality disorder. *Early Intervention in Psychiatry*. 13(2), 194–201, <https://doi.org/10.1111/eip.12461>
- Arendt, F., Scherr, S., & Romer, D. (2019). Effects of exposure to self-harm on social media: Evidence from a two-wave panel study among young adults. *New Media & Society*, 21(11-12). 2422-2442. 10.1177/1461444819850106
- Baumeister, R., De Wall, C., Ciarocco, N. J., & Twenge, J. M. (2005). Social exclusion impairs self-regulation. *Journal of Personality and Social Psychology*, 88, 589-604.
- Baumeister, R., & Leary, M. (1995). The need to belong: Desire for interpersonal attachments as a fundamental human motivation. *Psychological Bulletin*, 117(3), 497–529. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.117.3.497>
- Baumeister, R. (2011). Need-to-belong theory. In P.A.M. Lange, A.W. Kruglanski, & E.T. Higgins (Eds.). *Handbook of theories of social psychology* (1st ed. pp. 121-140). Sage Publications.
- Bell, Mok, Gardiner, & Pirkis, (2018). Suicide-Related internet use among suicidal young people in UK: Characteristics of users, effects of use and barriers to offline help-seeking. *Archives of Suicide Research*, 22(2), 273-277. <https://doi.org/10.1080/13811118.2017.1334609>
- Biernesser, C., Sewall, C., Brent, D., Bear, T., Mair, C., & Trauth, J. (2020). Social media use and deliberate self-harm among youth: A systematized narrative review. *Children and Youth Services Review*, 116, 105054. <https://doi.org/10.1016/j.childyouth.2020.105054>

- Brausch, A., Gutierrez, P. (2010). Differences in non-suicidal self-injury and suicide attempts in adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 39 (3), 233–242. <http://dx.doi.org/10.1007/s10964-009-9482-0>.
- Breen, A., Lewis, S., & Sutherland, O. (2013). Brief Report: Non-suicidal Self-injury in the context of Self and identity development. *Journal of Adult Development*, 20(1), 57–62. <https://doi.org/10.1007/s10804-013-9156-8>
- Brown, R. C., Fischer, T., Goldwich, A. D., Keller, F., Young, R., & Plener, P. L. (2018). #cutting: Non-suicidal self-injury (NSSI) on Instagram. *Psychological Medicine*, 48(2), 337-346. <https://doi.org/10.1017/S0033291717001751>
- Chen, W. C. (2003). *Adolescent interpersonal relationship quantity and quality, belongingness and loneliness*. The University of Texas at Austin.
- Chu, C., Rogers, M. L., & Joiner, T. E. (2016). Cross-sectional and temporal association between non-suicidal self-injury and suicidal ideation in young adults: The explanatory roles of thwarted belongingness and perceived burdensomeness. *Psychiatry Research*, 246, 573–580. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2016.07.061>
- Corcoran, V. P., & Andover, M. S. (2020). Online disinhibition and internet communication of non-suicidal self-injury. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 50(6), 1091–1096. <https://doi.org/10.1111/sltb.12659>
- Croyle, K. L., & Waltz, J. (2007). Subclinical self-harm: Range of behaviors, extent, and associated characteristics. *American Journal of Orthopsychiatry*, 77(2), 332–342. <https://doi.org/10.1037/0002-9432.77.2.332>
- Duarte, E., Gouveia-Pereira, M., & Gomes, H. S. (2019a). Development and factorial validation of the inventory of deliberate self-harm behaviours for portuguese adolescents. *Psychiatric Quarterly*, 90(4), 761–776. <https://doi.org/10.1007/s11126-019-09660-1>
- Duarte, E., Gouveia-Pereira, M., Gomes, H. S., & Sampaio, D. (2019b). How do families represent the functions of deliberate self-harm? A comparison between the social representations from adolescents and their parents. *Archives of Suicide Research*, 24, 173–189. <https://doi.org/10.1080/13811118.2018.1545713>
- Duarte, E., Gouveia-Pereira, M., Gomes, H. S., & Sampaio, D. (2020a). Social representations about the functions of deliberate self-harm: Construction and validation of a questionnaire

- for portuguese adolescents. *Journal of Personality Assessment*, 102(3), 405–414. <https://doi.org/10.1080/00223891.2018.1557667>
- Duarte, T. A., Paulino, S., Almeida, C., Gomes, H. S., Santos, N., & Gouveia-Pereira, M. (2020b). Self-harm as a predisposition for suicide attempts: A study of adolescents' deliberate self-harm. suicidal ideation. and suicide attempts. *Psychiatry Research*, 287, 112553. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2019.112553>
- Fisher, L. B., Overholser, J. C., Ridley, J., Braden, A., & Rosoff, C. (2015). From the outside looking in: Sense of belonging, depression and suicide risk. *Psychiatry*, 78(1), 29–41. <https://doi.org/10.1080/00332747.2015.1015867>
- Fuschini, B. (2022). O mundo online dos comportamentos autolesivos: as relações entre as representações online dos comportamentos autolesivos e a sua severidade e diversidade, ideação suicida e a identificação na adolescência (Tese de Mestrado, não publicada, ISPA – Instituto Universitário, Lisboa). Recuperado de <http://hdl.handle.net/10400.12/8977>
- Gámez Guadix, M., Pérez. E., Wachs, S., & González, M. (2022). Self-harm on the internet among adolescents: prevalence and association with depression, anxiety, family cohesion and social resources. *Psicothema*.
- Glenn, C., & Klonsky, E. (2011). One-Year test-retest reliability of the inventory of statements about self-injury (ISAS). *Assessment*, 18(3), 375–378. <https://doi.org/10.1177/1073191111411669>
- Glenn, C. R., Kleiman, E. M., Kandlur. R., Esposito, E. C., & Liu, R. T. (2022). Thwarted belongingness mediates interpersonal stress and suicidal thoughts: An intensive longitudinal study with high-risk adolescents. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 51(3), 295–311. <https://doi.org/10.1080/15374416.2021.1969654>
- Gonçalves, S. F., Martins, C., Rosendo, A. P., Machado. B. C., & Silva. E. (2012). Self-injurious behavior in Portuguese adolescents. *Psicothema*. 24(4), 536-541.
- Gouveia-Pereira, M. (2008). *Percepções de justiça na adolescência: A escola e a legitimação das autoridades institucionais*. Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

- Guerreiro, D. F., Sampaio, D., Figueira, M. L., & Madge, N. (2017). Self-Harm in adolescents: A self-report survey in schools from Lisbon. Portugal. *Archives of Suicide Research*, 21(1), 83–99. <https://doi.org/10.1080/13811118.2015.1004480>
- Hawton, K., Saunders, K. E., & O'Connor, R. C. (2012). Self-harm and suicide in adolescents. *The Lancet*, 379(9834), 2373–2382. [https://doi.org/10.1016/s0140-6736\(12\)60322-5](https://doi.org/10.1016/s0140-6736(12)60322-5)
- Jacob, N., Evans, R., & Scourfield, J. (2017). The influence of online images on self-harm: A qualitative study of young people aged 16–24. *Journal of Adolescence*, 60(1), 140–147. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2017.08.001>
- Jacobson, C. M., Muehlenkamp, J. J., Miller, A. L., & Turner, J. B. (2008). Psychiatric impairment among adolescents engaging in different types of deliberate self-harm. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 37(2), 363–375. <https://doi.org/10.1080/15374410801955771>
- Kapur, N., Cooper, J., O'Connor, R. C., & Hawton, K. (2013). Non-suicidal self-injury v. attempted suicide: new diagnosis or false dichotomy? *The British Journal of Psychiatry*, 202(5), 326–328. <https://doi.org/10.1192/bjp.bp.112.116111>
- Kemp, S. (2023). *Digital 2023: Global Overview Report*. DataReportal. <https://datareportal.com/reports/digital-2023-global-overview-report>.
- Klonsky, E. D. (2007a). Non-suicidal self-injury: An introduction. *Journal of Clinical Psychology*, 63(11), 1039–1043. [10.1002/jclp.20411](https://doi.org/10.1002/jclp.20411)
- Klonsky, E. D. (2007b). The functions of deliberate self-injury: A review of the evidence. *Clinical Psychology Review*, 27(2), 226–239. <https://doi.org/10.1016/j.cpr.2006.08.002>
- Klonsky, E. D., & Glenn, C. R. (2009). Assessing the functions of non-suicidal self-injury: Psychometric properties of the inventory of statements about self-injury (ISAS). *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 31(3), 215–219. <https://doi.org/10.1007/s10862-008-9107-z>
- Klonsky, E., & Muehlenkamp, J. (2007). Self-injury: A research review for the practitioner. *Journal of Clinical Psychology*, 63(11), 1045–1056. <https://doi.org/10.1002/jclp.20412>

- Klonsky, E. D., & Olino, T. M. (2008). Identifying clinically distinct subgroups of self-injurers among young adults: A latent class analysis. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 76*(1), 22–27. <https://doi.org/10.1037/0022-006x.76.1.22>
- Lewis, S. P., & Michal, N. J. (2016). Start, stop, and continue: Preliminary insight into the appeal of self-injury e-communities. *Journal of Health Psychology, 21*(2), 250–260. <https://doi.org/10.1177/1359105314527140>
- Leary, M. R., Schreindorfer, L. S., & Haupt, A. L. (1995). The role of low self-esteem in emotional and behavioral problems: Why is low self-esteem dysfunctional? *Journal of social and clinical psychology, 14*(3), 297-314.
- Lloyd-Richardson, E. E., Perrine, N., Dierker, L., & Kelley, M. L. (2007). Characteristics and functions of non-suicidal self-injury in a community sample of adolescents. *Psychological medicine, 37*(8), 1183-1192. <https://doi.org/10.1017/S003329170700027X>
- Logrieco, G., Marchili, M. R., Roversi, M., & Villani, A. (2021). The Paradox of Tik Tok Anti-Pro-Anorexia Videos: How social media can promote non-suicidal self-injury and anorexia. *International Journal of Environmental Research and Public Health, 18*(3), 1041. <https://doi.org/10.3390/ijerph18031041>
- Lucena, N. L., Rossi, T. A., Azevedo, L. M. G., & Pereira, M. (2022). Self-injury prevalence in adolescents: A global systematic review and meta-analysis. *Children and Youth Services Review, 142*. <https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2022.106634>.
- Luhtanen, R., & Crocker, J., (1992). A Collective Self-Esteem Scale: Self-Evaluation of One's Social Identity. *Personality and Social Psychology Bulletin, 18*(3), 302–318. doi:10.1177/0146167292183006
- Marchant, A., Hawton, K., Stewart, A., Montgomery, P., Singaravelu, V., Lloyd, K., (2017). A systematic review of the relationship between internet use, self-harm and suicidal behaviour in young people: The good, the bad and the unknown. *PloS one, 12*(8). <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0181722>
- Marôco, J. (2021). *Análise Estatística com o SPSS Statistics*. (8ª Ed.). ReportNumber.
- Mars, B., Heron, J., Biddle, L., Donovan, J. L., Holley, R., Piper, M., Potokar, J., Wyllie, C., & Gunnell, D. (2015). Exposure to, and searching for, information about suicide and self-

- harm on the Internet: Prevalence and predictors in a population-based cohort of young adults. *Journal of Affective Disorders*, 185, 239–245. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2015.06.001>
- Mendez, I., Sintes, A., Pascual, J. C., Puntí, J., Lara, A., Briones-Buixassa, L., Nicolaou, S., Schmidt, C., Romero, S., Fernández, M., Carmona, C., Soler, J., Santamarina-Perez, P., & Vega, D. (2022). Borderline personality traits mediate the relationship between low perceived social support and non-suicidal self-injury in a clinical sample of adolescents. *Journal of Affective Disorders*, 302, 204–213. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2022.01.065>
- Muehlenkamp, J., Claes, L., Quigley, K., Prosser, E., Claes, S., & Jans, D. (2013). Association of Training on Attitudes Towards Self-Injuring Clients across health professionals. *Archives of Suicide Research*, 17(4), 462–468. <https://doi.org/10.1080/13811118.2013.801815>
- Nadkarni, A., & Hofmann, S. G. (2012). Why do people use Facebook? *Personality and Individual Differences*, 52(3), 243–249. [10.1016/j.paid.2011.11.007](https://doi.org/10.1016/j.paid.2011.11.007)
- Nesi, J., Burke, T. A., Lawrence, H. R., MacPherson, H. A., Spirito, A., & Wolff, J. C. (2021). Online self-injury activities among psychiatrically hospitalized adolescents: Prevalence, functions, and perceived consequences. *Research on Child and Adolescent Psychopathology*, 49(4), 519–531. <https://doi.org/10.1007/s10802-020-00734-4>
- Newman, B. M., Lohman, B. J., & Newman, P. R. (2007). Peer group membership and a sense of belonging: their relationship to adolescent behavior problems. *Adolescence*, 42(166).
- Nock, M. (2009). Why do people hurt themselves? New insights into the nature and functions of self-injury. *Current Directions in Psychological Science*, 18(2), 78–83.
- Nock, M. (2010). Self-Injury. *Annual Review of Clinical Psychology*, 6(1), 339–363. <https://doi.org/10.1146/annurev.clinpsy.121208.131258>
- Nock, M., & Prinstein, M. (2005). Contextual features and behavioral functions of self-mutilation among adolescents. *Journal of Abnormal Psychology*, 114(1), 140–146. <https://doi.org/10.1037/0021-843x.114.1.140>
- Palmonari, A., Kirchler, E., & Pombeni, M. L. (1991). Differential effects of identification with family and peers on coping with developmental tasks in adolescence. *European Journal of Social Psychology*, 21(5), 381–402.

- Postmes, T., Haslam, S., & Jans, L. (2013). A single-item measure of social identification: Reliability, validity, and utility. *British Journal of Social Psychology*, *52*(4), 597–617. <https://doi.org/10.1111/bjso.12006>
- Reinhardt, M., Kökönyei, G., Rice, G., Drubina, B., & Urbán, R. (2021). Functions of nonsuicidal self-injury in a Hungarian community adolescent sample: A psychometric investigation. *BMC Psychiatry*, *21*(1). <https://doi.org/10.1186/s12888-021-03613-4>
- Robinson, K., Garisch, J. A., & Wilson, M. (2021). Nonsuicidal self-injury thoughts and behavioural characteristics: Associations with suicidal thoughts and behaviours among community adolescents. *Journal of Affective Disorders*, *282*, 1247–1254. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2020.12.201>
- Sampaio, D. (1998). *Ninguém Morre Sozinho: O adolescente e o suicídio* (8th ed.). Caminho (Original work published 1991).
- Saraff, P. D., & Pepper, C. M. (2014). Functions, lifetime frequency, and variety of methods of non-suicidal self-injury among college students. *Psychiatry Research*, *219*(2), 298–304. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2014.05.044>
- Seko, Y., Kidd, S. A., Wiljer, D., & McKenzie, K. J. (2015). On the Creative Edge. *Qualitative Health Research*, *25*(10), 1334–1346. [10.1177/1049732315570134](https://doi.org/10.1177/1049732315570134)
- Seong, E., Noh, G., Lee, K. H., Lee, J. S., Kim, S., Seo, D., Yoo, J., Hwang, H., Choi, C., Han, D., Hong, S., & Kim, J. (2021). Relationship of social and behavioral characteristics to suicidality in community adolescents with self-harm: Considering contagion and connection on social media. *Frontiers in psychology*, *12*. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.691438>
- Smith, E. R., & Mackie, D. M. (2000). Chapter 6: Social Identity. In E.R. Smith, & D.M. Mackie (Eds.). *Social Psychology* (2nd ed., pp. 203–246). Psychology Press.
- Smith, E., Mackie, D., & Claypool, H. (2015). Chapter 6: Social Identity. In E.R. Smith, D.M. Mackie, & H.M. Claypool (Eds.). *Social Psychology* (4th ed., pp. 190–229). Psychology Press.

- Sternudd, H. (2012). Photographs of self-injury: Production and reception in a group of self-injurers. *Journal of Youth Studies*, 15(4), 421–436. <https://doi.org/10.1080/13676261.2012.663894>
- Sternudd, H. (2014). ‘I like to see blood’: Visuality and self-cutting. *Visual Studies*, 29(1), 14–29. <https://doi.org/10.1080/1472586x.2014.862989>
- Swannell, S., Martin, G., Scott, J., Gibbons, M., & Gifford, S. (2008). Motivations for self-injury in an adolescent inpatient population: Development of a self-report measure. *Australasian Psychiatry*, 16(2), 98–103. <https://doi.org/10.1080/10398560701636955>
- Tajfel, H., & Wilkes, A. L. (1963). Classification and quantitative judgement. *British journal of psychology*, 54(2), 101-114.
- Taylor, P. J., Jomar, K., Dhingra, K., Forrester, R., Shahmalak, U., & Dickson, J. M. (2018). A meta-analysis of the prevalence of different functions of non-suicidal self-injury. *Journal of Affective Disorders*, 227, 759–769. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2017.11.073>
- Turner, J. C., Brown, R. J., & Tajfel, H. (1979). Social comparison and group interest in ingroup favouritism. *European journal of social psychology*, 9(2), 187-204.
- Ougrin, D., Tranah, T., Leigh, E., Taylor, L., & Asarnow, J. R. (2012). Practitioner review: Self-Harm in adolescents. *Journal of Child Psychology and Psychiatry*, 53(4), 337–350. <https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2012.02525.x>
- Whitlock, J. L., Powers, J. L., & Eckenrode, J. (2006). The virtual cutting edge: The Internet and adolescent self-injury. *Developmental Psychology*, 42(3), 407–417. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.42.3.407>
- Whitlock, J., Lader, W., & Conterio, K. (2007). The internet and self-injury: What psychotherapists should know. *Journal of Clinical Psychology*, 63(11), 1135–1143. <https://doi.org/10.1002/jclp.20420>
- Whitlock, J., Muehlenkamp, J., & Eckenrode, J. (2008). Variation in nonsuicidal self-injury: Identification and features of latent classes in a college population of emerging adults. *Journal of Clinical Child & Adolescent Psychology*, 37(4), 725-735. <https://doi.org/10.1080/15374410802359734>

- Whitlock, J., Muehlenkamp, J., Eckenrode, J., Purington, A., Abrams, G. B., Barreira, P., & Kress, V. (2013). Nonsuicidal self-injury as a gateway to suicide in young adults. *Journal of adolescent health, 52*(4), 486-492. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2012.09.010>
- World Health Organization. (2022). *Adolescent Health*. [https://www.who.int/healthtopics/adolescent-health#tab=tab\\_1](https://www.who.int/healthtopics/adolescent-health#tab=tab_1)
- Victor, S. E., Muehlenkamp, J. J., Hayes, N. A., Lengel, G. J., Styer, D. M., & Washburn, J. (2018). Characterizing gender differences in nonsuicidal self-injury: Evidence from a large clinical sample of adolescents and adults. *Comprehensive Psychiatry, 82*, 53–60. <https://doi.org/10.1016/j.comppsy.2018.01.009>
- Vigfusdottir, J., Dale, K. Y., Gratz, K. L., Klonsky, E. D., Jonsbu, E., & Høidal, R. (2020). The psychometric properties and clinical utility of the Norwegian versions of the deliberate self-harm inventory and the inventory of statements about self-injury. *Current Psychology, 41*(10). <https://doi.org/10.1007/s12144-020-01189-y>
- Zhand. N., Matheson. K., & Courtney. D. (2016). Self-harm in child and adolescent psychiatric inpatients: A retrospective study. *Journal of the Canadian Academy of Child and Adolescent Psychiatry, 25* 3, 169-176.

## Anexos

### Anexo 1

#### Carta de consentimento informado

Este trabalho está a ser desenvolvido pelo ISPA – Instituto Universitário das Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, no âmbito da Unidade Curricular Seminário de Dissertação, pela aluna \_\_\_\_\_, sob a orientação da Professora Doutora Maria Gouveia Pereira. O objetivo deste estudo é procurar explorar os comportamentos de risco em jovens do 13 aos 18 anos.

Neste sentido, solicita-se a sua autorização para que o seu educando colabore neste estudo através da resposta a um ou mais questionário(s).

Toda a informação recolhida será confidencial e apenas acedida pelos investigadores do projeto. A participação do seu educando no estudo é anónima e voluntária, pelo que poderão desistir em qualquer momento do processo. Para mais esclarecimentos, poderão sempre contactar para o seguinte email: ahnamargaridapacheco@gmail.com

Eu, \_\_\_\_\_, encarregado de educação do(a) aluno(a), \_\_\_\_\_ declaro que autorizo a participação do meu educando de forma voluntária no trabalho de investigação, que visa o preenchimento de um ou mais questionário(s), sabendo que é possível a desistência em qualquer parte do processo.

Declaro que autorizo a aluna do ISPA – Instituto Superior de Psicologia Aplicada, \_\_\_\_\_, a utilizar os dados recolhidos, apenas para efeitos de investigação científica, desde que respeitando a confidencialidade dos mesmos.

Declaro que compreendi todas as condições relativas à participação do meu educando neste trabalho de investigação.

**Assinatura (Aluna):** \_\_\_\_\_

**Assinatura (Encarregado de Educação):** \_\_\_\_\_

**Assinatura (Aluno):** \_\_\_\_\_